

**Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento**

CINTHIA SOARES DE ARAÚJO GONÇALVES DE OLIVEIRA

**Brasília, DF**

**Julho, 2022**

CINTHIA SOARES DE ARAÚJO GONÇALVES DE OLIVEIRA

**Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento**

Monografia apresentada à Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – CEUB, como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia.

Professora Orientadora: Me. Aurea Chagas Cerqueira

**Brasília, DF**

**Julho, 2022**

**Folha de Avaliação**

Cinthia Soares de Araújo Gonçalves de Oliveira

Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento

Banca Examinadora:

---

Profa. Me. Aurea Chagas Cerqueira – CEUB

Orientadora

---

Profa. Dra. Tania Inessa Martins de Rezende - CEUB

Examinadora

---

Profa. Dra. Milena Oliveira da Silva - CEUB

Examinadora

**Brasília, DF**  
**Julho, 2022**

## Agradecimentos

Agradeço a Deus, inteligência Suprema do Universo e aos meus guias e mentores espirituais, por me darem forças e não me deixarem sucumbir.

À minha mãe pelo seu amor incondicional, para o qual não existem palavras para expressar meu amor. Ao meu pai (*in memoriam*) por ter me ensinado a amar os estudos e acreditar que a educação transforma vidas. Ao meu irmão, Luiz Octávio parceiro e confidente de sempre.

À minha esposa Ana Patrícia pelo suporte emocional, pela compreensão e por estar sempre ao meu lado, me apoiando. Obrigada por acreditar em mim.

Às minhas amigas-irmãs: Nice, que sempre me incentivou a trilhar os caminhos da Psicologia, Lilica, Loi, Dani e Rosinha que, mesmo quando pensei que não fosse conseguir, lá estavam vocês me incentivando, com carinho e boas risadas.

Às minhas amigas do trabalho pela compreensão e apoio. Grata, Lidiane, Juliana, Aline, Angélica, Nathália e tantos outros colegas que torceram por mim.

Às amigas da faculdade, Camilla, Carol, Ednilda e Letícia obrigada por caminharmos juntas nesta estrada.

À minha Orientadora Aurea Chagas Cerqueira pelo apoio em todos os momentos, seu incentivo e dedicação foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos meus professores: Guilherme Henderson, e Juliano Lagoas por me fazerem apaixonar pela Psicanálise. Tania Inessa, gratidão por ter me apresentado a Saúde Mental, campo que pretendo me aprofundar; Milena Oliveira, Greice Nunes, Francielly Müller e tantos outros professores que acreditaram em mim.

Ao meu analista, Marcus Seganfredo por todas as horas que esteve comigo.

Aos meus cachorrinhos Cadu e Luna pela parceria incansável, nas longas e solitárias madrugadas de estudo, lá estavam vocês ao meu lado.

## Sumário

Introdução .....	8
Justificativa .....	11
Objetivos .....	12
Problema de pesquisa.....	12
Objetivo Geral.....	13
Objetivos Específicos.....	13
Capítulo I – Homossexualidade Feminina: um campo de flores em busca de sol.....	14
Feminino, uma construção sociocultural .....	14
Homossexualidade Feminina: um percurso em busca da legitimação do amor.....	17
Homossexualidade feminina na Psicanálise.....	19
Capítulo II – Envelheci. Logo, vivo. Se vivo, desejo. ....	26
Depois de florescer e antes de morrer permita-me, simplesmente, murchar... ..	26
O tempo do envelhecimento e a Psicanálise .....	30
O Corpo na Psicanálise .....	34
Capítulo III - Mulher, homossexual e envelhecendo. E agora?.....	36
Metodologia .....	38
Participantes .....	41
Instrumentos.....	41
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	41
Roteiro do Grupo Focal.....	41
Procedimentos .....	45
Considerações Éticas.....	45
Coleta de Dados .....	45
Análise de Dados .....	47
Resultados e Discussão .....	49
Temporalidade.....	50
Corpo.....	60
Desejo e Sexualidade .....	68
Perspectivas Futuras.....	73
Considerações Finais .....	83
Referências.....	87
Anexos .....	96
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	96
Anexo 2 - Roteiro de Grupo Focal.....	101
Anexo 3 - Parecer substanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP.....	102

## Resumo

O presente trabalho teve como objetivo conhecer a percepção do envelhecimento por um grupo de mulheres homossexuais, servidoras públicas, entre 40 e 56 anos. Com o avanço acelerado do número de idosos no país, e com maior número de pessoas assumindo sua homossexualidade, faz-se necessário conhecer e refletir sobre as representações sociais da velhice e das relações homoafetivas; ou seja, lançar um olhar singular sobre as homovelhices femininas. A partir daí, buscamos compreender como se dá a percepção sobre a passagem do tempo para essas mulheres LGBTQIAP+ de meia idade e seus marcos definidores; qual a relação desse grupo de mulheres com seus corpos em processo de envelhecimento; qual o lugar do desejo e da sexualidade nesta fase da vida; quais os maiores desafios e o que esperar do futuro. A coleta de dados deu-se através da aplicação da técnica do Grupo Focal, que contou com a presença de 06 participantes. O método utilizado para análise dos resultados foi a Análise do Discurso, que leva em consideração os sentidos que são produzidos, e não o conteúdo do texto, e ocupa-se em compreender de que forma o discurso opera no campo simbólico. Partindo do referencial teórico da Psicanálise, e a partir das falas das participantes, foram elaboradas reflexões sobre temporalidade, identidade corporal, desejo e sexualidade e perspectivas para o futuro.

*Palavras-chave:* homovelhice, homossexualidade feminina, envelhecimento, psicanálise, envelhescência.

## **Abstract**

The present work aimed to know the perception of aging by a group of homosexual women, public servants, between 40 and 56 years old. With the rapid advance in the number of elderly people in the country, and with a greater number of people assuming their homosexuality, it is necessary to know and reflect on the social representations of old age and homosexual relationships; that is, to cast a singular look at female homo-old age. From there, we seek to understand how these middle-aged LGBTQIAP+ women perceive the passage of time and their defining milestones; what is the relationship of this group of women with their bodies in the aging process; what is the place of desire and sexuality in this phase of life; what are the biggest challenges and what to expect in the future. Data collection took place through an interview with a Focus Group, which was attended by 06 participants. The method used to analyze the results was Discourse Analysis, which takes into account the meanings that are produced, and not the content of the text, and is concerned with understanding how discourse operates in the symbolic field. Starting from the theoretical framework of Psychoanalysis, and from the speeches of the participants, reflections on temporality, body identity, desire and sexuality and perspectives for the future were elaborated.

*Keywords:* homo-old age, female homosexuality, aging, psychoanalysis.

## Introdução

*Ah, minha Criatura admirável...  
Seja bem-vinda...  
Entre, entre... Estou esperando por você... Fico feliz  
por você ter conseguido encontrar o caminho...  
Venha, sente-se comigo um pouco. Pronto, vamos  
fazer uma pausa, deixando de lado todos os nossos  
“inúmeros afazeres”. Haverá tempo suficiente para  
todos eles mais tarde... Venha, experimente essa  
poltrona. ...Preparei a lareira perfeita para nós. O  
fogo vai durar a noite inteira – suficiente para  
todas as nossas “histórias dentro de histórias” ...  
Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o  
que estávamos reservando para “uma ocasião  
especial”. Sem dúvida, “uma ocasião especial” é  
qualquer ocasião à qual a alma esteja presente ....  
Por isso vamos nos sentar um pouco comadre, só  
nós duas... e o espírito que se forma sempre que  
duas almas ou mais se reúnem com apreço mútuo,  
sempre que duas mulheres ou mais falam de  
“assuntos que importam de verdade”.  
(Estés, 2007)*

Questões de gênero são objetos centrais do presente estudo, todavia, o foco está sobre o processo de envelhecimento pelo qual passa um grupo de mulheres LGBTQIAP+ na meia idade. Buscamos conhecer e compreender como esse grupo de mulheres percebe o processo de envelhecimento de seus corpos físicos diante de uma sociedade marcada por reações homofóbicas e discriminação com pessoas em processo de envelhecimento.

Cumpramos ressaltar que essas mulheres se encontram em processo de envelhecimento, com os dilemas advindos da chegada da menopausa, do climatério, das oscilações hormonais e de humor, das rugas e dos cabelos brancos, da chegada ao topo da carreira ou da aposentadoria. Segundo Soares (2020), estas mulheres estão na fase da vida que a autora denomina envelhescência que, para além do processo de envelhecimento físico, implica diferentes níveis de organização simbólica; tanto no campo social, quanto na organização do funcionamento psíquico do sujeito, na qual fazem-se presentes as identificações imaginárias presentes nas relações com o Outro (Soares, 2020).

Nesse sentido, o presente trabalho lança um olhar psicanalítico sobre o discurso produzido por mulheres LGBTQIAP+, entre 40 e 56 anos de idade, e suas questões frente à envelhecimento, considerando que ambas as condições podem impactar diretamente suas realidades psíquicas.

Inicialmente, há que se compreender a terminologia utilizada pelos movimentos defensores dos direitos das minorias, no combate à discriminação de pessoas por questões de gênero e sexualidade. Segundo o Manual de Comunicação, produzido pela Aliança Nacional LGBTI+ (2018):

L – Lésbica = Mulher que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans);<sup>1</sup>

G – Gay = Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por outras pessoas do sexo masculino;

B – Bissexual = Pessoa que se relaciona afetiva e/ou sexualmente com pessoas de ambos os sexos/gêneros;

T – Transsexual = Pessoa que não se identifica com o sexo designado pelo nascimento, e que se identifica de acordo com sua identidade de gênero.

Q – Queer = Pessoa que não se enquadra exclusivamente em heterossexuais e cisgêneros. Referem-se à identidade de gênero para além dos binarismos “mulher-homem”, “heterossexual/homossexual”;

I – Intersexual = Pessoas que nascem com variedade de condições genéticas e/ou somáticas, não possuindo sexo definido. Antigamente eram chamados de hermafroditas; essa terminologia foi abolida, dado o caráter depreciativo do termo;

A – Assexual = Pessoa que não sente atração sexual por nenhum sexo/gênero;

---

<sup>1</sup> Cis é um prefixo que vem do latim e significa “no mesmo lado que”; ou seja, refere-se às pessoas que se identificam completamente com seu gênero de nascimento. Em oposição, os Trans são pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente do sexo de nascimento (Manual de comunicação LGBTI+, 2018).

P – Pansexual = Tal qual a heterossexualidade e homossexualidade, a pansexualidade é uma orientação sexual que rejeita a concepção de dois gêneros e de orientação específica. O prefixo grego “pan” pode ser traduzido como “tudo”.

+ - = O sinal de adição no final da sigla permite a inclusão de outras identidades de gênero e orientações sexuais para além do padrão cis-heteronormativo.

Feitos esses esclarecimentos iniciais, faz-se necessário conhecer um pouco mais sobre o universo feminino, especificamente o universo feminino LGBTQIAP+ de meia-idade e como se configuram as representações da velhice para este grupo de mulheres. Questões como: de que maneira essas mulheres têm vivenciado o processo de envelhecimento? Como elas têm lidado com as questões do corpo e do desejo? A fim de explorar questões como essas, a introdução do trabalho está dividida em três capítulos, nos quais abordamos questões específicas:

No primeiro capítulo, cujo título é Homossexualidade Feminina: um delicado campo de flores em busca de sol, analisamos:

1 – Feminino, uma construção sociocultural. Neste item buscamos compreender o gênero feminino, como algo decorrente de construções socioculturais;

2 – Homossexualidade feminina, um longo e árido percurso em busca da legitimação do amor. Neste ponto, fazemos um apanhado histórico da luta dos homossexuais pela igualdade de direitos;

3 – A Homossexualidade feminina para a Psicanálise. Neste item, fazemos uma breve historiografia sobre a homossexualidade feminina, a partir de textos freudianos, e levantamos algumas questões importantes para a clínica psicanalítica contemporânea.

No segundo capítulo: Envelheci. Logo, vivo. Se vivo, desejo. Apresentamos os itens:

1 – Depois de florescer e antes de morrer permita-me, simplesmente, murchar. Neste item, focalizamos o processo do envelhecimento humano segundo a psicologia do desenvolvimento;

2 – O tempo do envelhecimento e a Psicanálise. A partir das obras de Freud, buscamos compreender a atemporalidade do Inconsciente e a singularidade do envelhecer;

3 - O corpo na Psicanálise: Neste subitem, buscamos introduzir a questão da imagem e do corpo. Sob esse aspecto, o sujeito percebe seu envelhecimento a partir da imagem que o Outro lhe devolve;

No terceiro capítulo, analisamos as Mulheres LBGTQIAP+ e sua percepção do envelhecimento. Reservamos esse terceiro capítulo para refletir sobre as questões que, na contemporaneidade, têm se configurado como desafios para as mulheres homossexuais na envelhescência. No caso específico, mulheres homossexuais entre 40 e 56 anos de idade.

Em seguida, nos debruçamos sobre a Metodologia de pesquisa e, posteriormente, analisamos os discursos produzidos pelo grupo de mulheres LBGTQIAP+, a partir do referencial teórico das obras de Freud e contribuições psicanalíticas de autores contemporâneos.

Por fim, as Conclusões momento no qual fazemos uma reflexão sobre as vivências de mulheres LBGTQIAP+ em relação à envelhescência, como têm lidado com seus desafios, o que esperam para o futuro e o papel da clínica psicanalítica nesse processo.

### **Justificativa**

O presente trabalho leva em consideração a perspectiva de longevidade cada vez maior da humanidade, especialmente no que tange às mulheres. Daí resulta a importância de se pensar e discutir o envelhecimento de mulheres LBGTQIAP+, bem como analisar os significados e significantes presentes nos discursos dessas mulheres, considerando que,

muitas vezes, elas ocupam um lugar de desigualdade e desprivilegio na família e nas relações interpessoais. Outro aspecto fundamental é que questões relacionadas ao envelhecimento de pessoas homossexuais tendem a aparecer cada vez mais no contexto clínico.

No âmbito social, há que se pensar que a produção do conhecimento está diretamente vinculada à sua divulgação, a fim de que possam ser criados modelos e estratégias de implementação de medidas sociais que abarquem esse grupo de pessoas. Promover uma reflexão sobre os processos de identificação e subjetividades dos grupos minoritários e desviantes dos padrões socialmente preestabelecidos implica pensar em qual contribuição a Psicanálise pode dar sobre o assunto.

Portanto, faz-se mister dar visibilidade às mulheres lésbicas e seus processos de envelhescência, especialmente no campo da Psicologia, levando em consideração as particularidades presentes nestas relações, face aos possíveis sofrimentos psíquicos advindos da tripla fonte de preconceitos: ser mulher, ser homossexual e, ainda, ser considerada velha. Ademais, para além da Psicologia, urge pensar em diretrizes e políticas públicas voltadas para esses atores sociais, como medida de cuidado e proteção social.

## **Objetivos**

### ***Problema de pesquisa***

Neste trabalho, buscamos responder às seguintes questões:

- 1) De que maneira mulheres LGBTQIAP+ percebem e vivenciam o processo do envelhecimento? E esse processo é fonte de sofrimento psíquico para elas?
- 2) Quais são os desafios que mulheres LGBTQIAP+ enfrentam no processo de envelhecimento?

### ***Objetivo Geral***

Pretendeu-se abordar o tema do envelhecimento para um grupo de mulheres LGBTQIAP+, de meia-idade (40 a 56 anos), buscando problematizar, refletir e compreender, à luz da Psicanálise, como se configuram as representações do processo de envelhecimento para este grupo específico.

### ***Objetivos Específicos***

Como objetivos específicos, buscamos compreender:

- a) Como se dá a percepção da temporalidade para as mulheres LGBTQIAP+ e quais são seus marcos definidores? Quais os significados e as representações de maternidade, família e amizade? E que lugar estas representações sociais ocupam na vida das mulheres homossexuais de meia idade?
- b) Qual a relação desse grupo de mulheres com seus corpos em processo de envelhecimento? Como lidam com o fim do período reprodutivo e a chegada dos fios de cabelos brancos, das rugas, do aumento de peso, e da chegada do climatério e da menopausa, em uma sociedade que estimula e valoriza a busca incessante pela juventude?
- c) Qual o lugar do desejo e da sexualidade nesta fase da vida para as mulheres homossexuais?
- d) Quais os maiores desafios e o que esperar do futuro?

## Capítulo I – Homossexualidade Feminina: um campo de flores em busca de sol.

Neste Capítulo dedicamos nosso olhar para as relações homoafetivas e seus desafios ao longo da História.

### Feminino, uma construção sociocultural

*“- Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é  
feminina?”  
Letra da música Feminina (1980) –  
(Joyce Moreno).*

Este pequeno trecho da música Feminina, da compositora Joyce Moreno (1980), nos remonta a uma questão, aparentemente simples, mas de alta complexidade: o que é feminino?

Primeiro, é preciso buscar compreender como vêm sendo construídos os conceitos que chamamos de gênero feminino, e como esses conceitos, culturalmente produzidos, atravessam a subjetivação de uma identidade feminina e homossexual. Para tanto, é mister fazermos um breve apanhado histórico sobre como esses conceitos foram sendo produzidos.

Iniciamos com a construção do termo homossexual, que surgiu no início do século XIX, quando o dispositivo da sexualidade ganhou novas ordenações. Segundo Cassal et al. (2012), o termo homossexual passou a ser empregue como uma categoria psiquiátrica, e todos aqueles que exerciam práticas homoeróticas passaram a ser considerados doentes e desviantes.

Antes de ser classificada como doença pela medicina, questões referentes à sexualidade, eram assuntos de natureza eclesiástica e jurídica que puniam os transgressores das normas morais e/ou divinas. Quando a ciência médica passou a se interessar pelos comportamentos sexuais, visava apenas encontrar explicação, diagnosticar e fornecer tratamento aos doentes acometidos pela homossexualidade. Para tanto, os tratamentos iam desde a hipnose à castração, bem como uso de terapias aversivas, tudo com o intuito de

anular o desejo e enquadrar o sujeito às normas sociais, segundo o preceito da moral e dos bons costumes estabelecidos (Marques, 2014).

Esse controle exercido sobre os corpos foi o que Foucault (1976, citado por Silva, 2015) chamou de “biotecnologia da espécie humana”. O filósofo conceituou o poder disciplinar como sendo aquele que é exercido sobre um grupo ou massa global e que “tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos.” (Foucault, 1999, p. 289).

Ainda para Foucault (1988), a sexualidade não se confunde com algo que é naturalmente dado, posto e imutável. Em vez disso, implica uma construção social que recai sobre os sujeitos como um dispositivo de controle. Neste sentido, a sexualidade emerge como um dispositivo de gerenciamento sobre os corpos e subjetividades, e são enquadradas em categorias previamente estabelecidas e socialmente organizadas, como o dispositivo masculino/feminino.

Foi em 1948 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a homossexualidade no Código Internacional de Doenças (CID) e, de lá até meados do século XX, os sujeitos diagnosticados como homossexuais tiveram que travar lutas acirradas pelo fim da patologização e criminalização da homossexualidade (Marques, 2014).

De acordo com Haraway (2004), o psicanalista Robert Stoller, no Congresso Psicanalítico de Estocolmo, em 1963, foi o primeiro a utilizar a terminologia *identidade de gênero*. Stoller teria desenvolvido o conceito de identidade de gênero com o intuito de distinguir o que era da ordem da natureza biológica dos seres humanos, daquilo que era decorrente das produções culturais. Assim, uma criança ao nascer era considerada menina ou menino de acordo com seus órgãos genitais, mas a partir da inserção dessa criança numa determinada cultura, ela iria assimilando e aprendendo sobre o lugar que deveria ocupar no

mundo de acordo com o momento histórico que vivia. Portanto, sexo estaria vinculado à biologia; ou seja, às diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, enquanto gênero decorreria dos processos culturais que atravessariam os sujeitos.

Já na década de 1970, o movimento feminista utilizou a ideia gênero como diferença produzida pela cultura, e articulou teorias, a fim de mostrar que as diferenças entre homens e mulheres residiam na esfera do social. O ícone do movimento feminista da época, Simone de Beauvoir (1908-1986), foi a grande responsável pela frase que se tornou lema para as feministas: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” (Beauvoir, 2002, p.9).

Neste sentido, para se entender as diferenças entre homens e mulheres, seria preciso compreender a maneira como as construções de masculinidade e feminilidade eram criadas, a partir da articulação com outras diferenças, como: raça, classe social, idade, nacionalidade e como se misturam nos corpos das pessoas (Piscitelli, 2009).

Por sua vez, a filósofa Judith Butler (2020) critica o movimento feminista e o modelo binário, sendo seu principal embate a distinção entre sexo e gênero. Segundo a autora, sexo não é algo dado pela natureza, mas sim uma categoria social construída culturalmente. Por sua vez, a concepção de gênero se deslocaria de algo decorrente de processos culturais, passando a ser uma categoria performaticamente construída.

Butler (2020) argumenta que o modelo performativo da identidade se configura em ações reiteradas e conceitos arraigados, que reificam e naturalizam a identidade. Em outras palavras, as performances quando repetidas, reatualizam e vivificam os discursos históricos e culturalmente engendrados. Portanto, a performatividade provém do coletivo, e está relacionada à repetição obrigatória de normas preexistentes. Não há como se abster dessas normas pela vontade. A performatividade, portanto, estaria relacionada ao sistema de significados culturais que perpassam o sujeito e preexistem a eles. Enquanto as performances

têm natureza individual, uma vez que, segundo a autora, são ações por meio das quais os discursos se realizam em nós, sendo o corpo o efeito performativo desse discurso.

Portanto, a resposta à pergunta inicial deste capítulo não cabe em um único conceito normatizador e estigmatizante. Posto que a compreensão de gênero feminino, enquanto construção sociocultural e binária, só tem existência no campo da linguagem, do simbólico, e não na realidade vasta da Natureza, tampouco na realidade ainda mais vasta e complexa das relações interpessoais concretas (Homem & Calligaris, 2019).

### **Homossexualidade Feminina: um percurso em busca da legitimação do amor**

*“Qualquer maneira de amor vale aquela  
Qualquer maneira de amor vale amar  
Qualquer maneira de amor vale à pena.”  
(Milton Nascimento).*

As reflexões suscitadas no capítulo anterior, implicam a desconstrução de uma homossexualidade identitária. Judith Butler (2020) defende que não existe apenas uma identidade, mas sim identidades; portanto, elas devem ser pensadas no plural e não no singular. Assim, a autora e filósofa compreende o gênero como uma construção social que é performada pelas pessoas. E os sujeitos que emergem são o resultado de repetições constitutivas e impositivas, sendo o gênero, de per si, uma norma que deverá ser incorporada pelas subjetividades.

Colling et al. (2019), ao citarem o pensamento de Butler, afirmam que, apesar das normas de gênero preexistirem e atuarem sobre a coletividade, pode haver desvios; ou seja, sujeitos que questionam, ressignificam e rompem com a cadeia de repetição, subvertendo as normatividades previamente constituídas. Certamente mulheres LGBTQIAP+ fazem parte desses “seres desviantes”, muito embora a relação entre mulheres seja tão antiga quanto a própria história da humanidade.

Segundo levantamento histórico trazido por Braga (2010), o primeiro registro indicativo de relação homoafetiva feminina data do período Paleotítico Superior, quando foi encontrado na caverna de George d'Enfer, na cidade de Dordogne na França, um dildo duplo que, supostamente, era usado em relações sexuais entre mulheres. Na Grécia Antiga, há referência de relações entre mulheres na obra *Lisistrata* de Aristófanes (c. 450/444-387 a.C), mas foi a criadora da poesia lírica, Safo (c. 612 a.C.-560 a.C.), que viveu na ilha de Lesbos, a figura mais marcante no que se refere às relações homoafetivas femininas. Na Roma Antiga as relações homoeróticas eram aceitas e somente no final do Império Romano, com o avanço do cristianismo, essas relações passaram a ser consideradas não naturais (Braga, 2010).

No século XVI, a homossexualidade passou a ser alvo da Inquisição. E as Ordenações Afonsinas, em 1449, prescreviam morte pelo fogo aos prevaricadores. A primeira condenação à morte de uma mulher homossexual é datada de 1477 na Alemanha, quando uma jovem foi morta afogada. A última condenação à morte por homossexualismo feminino ocorreu em 1721, na Prússia (Braga, 2010).

Em seu rico apanhado histórico, Braga (2010) ressalta que foi somente no século XIX que a homossexualidade, tanto feminina, quanto masculina, deixou de ser assunto de interesse exclusivo da Igreja e das Leis e passou ao interesse de um outro ramo: a medicina. A psiquiatria passa a considerar a homossexualidade como uma doença a ser tratada, e neste sentido passa a ser algo patologizante.

Somente após longos anos de lutas, a sociedade brasileira passou a assegurar alguns direitos à comunidade LGBTQIAP+. O Manual de Comunicação, produzido pela Aliança Nacional LGBTI+ (2018), traz como exemplo de uma dessas conquistas a Resolução nº 175, do Conselho Nacional de Justiça, de 14 de maio de 2013, que determina que cartórios de todo

o país realizem a cerimônia de casamento de casais homoafetivos, em iguais condições às dos casais heteroafetivos.

Mas os desafios e as lutas contra a homofobia não acabaram; ao contrário, as discussões, preconceitos e violências físicas e/ou psicológicas contra pessoas LGBTQIAP+ vêm emergindo cada vez mais, fomentadas por grupos radicais e fundamentalistas, que propagam, especialmente pelas redes sociais, discursos de ódio e de natureza homofóbica, sob a escusa da liberdade de expressão. Assim sendo, frente a um cenário marcado por retrocessos e pelo retorno a pensamentos sociais conservadores, parece que a luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+ continuará ainda por algum tempo.

Portanto, o estudo aqui proposto expõe dois estigmas sociais: a homossexualidade e a velhice. Duas fontes de exclusão social sobre as quais precisamos nos debruçar, frente aos possíveis sofrimentos psíquicos que mulheres LGBTQIAP+ enfrentam ao longo de toda uma vida, e que poderão ser ainda mais potencializados frente à inexorável realidade do envelhecimento (Lima, 2006).

### **Homossexualidade feminina na Psicanálise**

*Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências, ou dirijam-se aos escritores, ou esperem até que a ciência possa lhes dar informação mais profundas e coerente. (Freud, 1932 p. 293).*

Kehl (2019), em sua obra *Deslocamento do Feminino*, nos traz que as formações da linguagem antecedem à própria existência do sujeito, posicionando-o na ordem simbólica preexistente. Os primeiros significantes que nos designam, a partir do nosso nascimento, é a condição de menino ou menina. Neste sentido, a cultura nos determina, enquanto sujeitos que devem ocupar uma posição no meio social. O núcleo familiar passa, então, a nos perceber e a nos definir a partir da diferença registrada em nossos corpos físicos. Assim, vamos nos constituindo e nos definindo de acordo com os discursos socialmente aceitos e esperados. E

será a partir dessas posições simbólicas que teremos que nos haver, bem como definir qual a posição e o objeto que desejamos e, também como queremos manifestar nossa existência no mundo.

Questões referentes à homossexualidade não passaram alheias ao pai da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939). Neste trabalho nos atemos ao que se refere à homossexualidade feminina. Para tanto, faz-se necessário conhecer, ainda que de maneira sucinta, os caminhos pelos quais Freud percorreu, a fim de estudar a homossexualidade feminina.

Nas obras “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (Freud, 1905/2016) e “*Análise Fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905 [1901])*” (Freud, 1905/2016), Freud se debruça sobre os estudos da sexualidade feminina. Em *Análise Fragmentária de uma histeria – O caso Dora* (Freud, 1905), caso clássico nos estudos psicanalíticos, Freud aventa a hipótese de uma possível relação homossexual entre sua jovem paciente Dora e a Sra. K. Para o pai da Psicanálise, esse tipo de impulso amoroso é bastante comum na adolescência, tendendo a desaparecer com o tempo. Todavia, quando uma mulher está insatisfeita em suas relações heterossexuais, essas tendências podem retornar. Portanto, a homossexualidade feminina resultaria do fracasso nas relações com os homens, tendo, como um dos sintomas, a histeria. No caso Dora, Freud chega à conclusão de que, durante muito tempo, Dora encobriu a relação amorosa entre seu pai e a Sra. K, tanto para omitir seu amor pelo Sr. K, quanto para encobrir, inconscientemente, seu desejo homossexual pela Sra. K. (Pastana et al., 2021).

Na década de 1920, Freud acaba por reconhecer que, à época da análise do caso Dora, ele teria se limitado a analisar unicamente a transferência paterna na relação, se omitindo quanto à transferência materna; por exemplo, o amor homossexual que Dora nutria pela Sra. K. A partir de então, Freud passa a reconhecer a importância do apego precoce da menina à figura materna (Quinodoz, 2007).

Segundo Pastana et al. (2021), o equívoco de Freud deveu-se à teoria do Édipo feminino. Ou seja, naquele momento do desenvolvimento da Psicanálise, Freud ainda não era capaz de dimensionar a relevância do papel feminino (mãe ou figuras substitutas) na formação psíquica da menina (Pastana et al., 2021).

Em *Eu e o Id*, Freud (1923/2019) trata da bissexualidade constitutiva, apontando as diferenças de como meninos e meninas lidam com as identificações com o masculino e o feminino e a ambivalência com os polos materno e paterno. Freud (1923/2019) aponta que, no âmbito da sexualidade humana, a noção de instinto não é a mais adequada. Assim, surge o termo pulsão que traz, em seu conceito, a ideia de que a sexualidade não implica a existência de um objeto já determinado naturalmente. Neste sentido, não haveria nada que indicasse, antecipadamente, qual seria o objeto de satisfação para o sujeito. Ou seja, não estaria predeterminado se o objeto seria uma pessoa do sexo oposto, ou não. O que Freud suscita é que o objeto decorre de um processo pelo qual o sujeito passa, e que lhe é apresentado por um Outro. Neste sentido, sujeito é algo que ainda está por se constituir, mas antes já se revela como objeto do desejo de um Outro, uma vez que, mesmo antes de nascer, já faz parte de uma estrutura simbólica a partir da qual passa a se constituir (Palonsky, 1997).

Em 1925, Freud constata que há uma fase anterior àquela que chamou de Complexo de Édipo, denominando-a de amor pré-edípico, presente tanto nos meninos quanto nas meninas, e que era direcionado a quem se torna o primeiro objeto de amor do bebê: a mãe; constituindo, assim, uma etapa anterior à edípica. Ocorre que, nos casos dos meninos, ao passarem para o Complexo de Édipo, eles não precisam mudar de objeto quando renunciam ao seu amor pré-edípico pela mãe. Porém, as meninas, ao contrário, têm que renunciar ao seu amor pré-edípico pela mãe para poderem se voltar para o pai (Quinodoz, 2007).

Neste sentido, Palonsky (1997) assevera que a criança (menino ou menina) ao nascer, em sua estrutura psíquica, ocupa o lugar de falo da mãe, ou seja, “a mãe está completa com

ele, e ele é tudo o que a mãe deseja” (Palonsky, p.22, 1997). É a partir do momento que a criança constata que não pode completar a mãe, que a mãe deseja algo para além dele, que surge a ruptura da fusão mãe/filho, e isso se dá com o surgimento da função paterna, que foi denominado Nome-do-Pai (Lacan,1938) e que tem a ver com a dimensão simbólica do desejo da mãe, e não está inscrito na relação mãe/filho. Essa ruptura mostra-se, para Freud, necessária porque será a partir dela que todo o universo simbólico será organizado. Até este momento, portanto, não existiria, pelo menos teoricamente, diferença entre os sexos.

A entrada do pai (enquanto função) na relação mãe/filho apresenta-se, inicialmente, como sendo o objeto de desejo da mãe e, posteriormente, como sendo o possuidor do objeto desejante. Neste sentido, a criança é colocada em relação ao desejo de um Outro, revelando-se que a estruturação do desejo está submetida à lei do desejo do Outro. Aqui surge a importância da percepção da diferença sexual e da suposição de que tal diferença decorre de uma falta, uma ausência (Palonsky, 1997).

Partindo dessa premissa, prossegue Pastana et al. (2021), no caso Dora, dada a ausência da mãe, o amor que ela sentia pela Sra. K estaria mais próximo a um processo identificatório com sua amada do que propriamente do desejo sexual dirigido a outra mulher. Assim sendo, a Sra. K teria ocupado esse lugar, que deveria ter sido destinado à sua mãe, se ela fosse a detentora do amor e do desejo de seu pai (Pastana et al., 2021).

No texto “*A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher*”, Freud (1920/2019) enfrenta, de forma mais contundente, a questão da homossexualidade feminina para além dos estudos sobre a histeria (Pastana et al., 2021).

Freud (1920/2019) descreve o tratamento de uma jovem que se apaixona por uma mulher dez anos mais velha do que ela, o que causou grande desgosto a seus genitores, especialmente a seu pai, que ao tomar conhecimento da homossexualidade de sua filha, passou a reprimi-la e a ameaçá-la severamente. Nesse texto, Freud (1920/2011) traz vários

aspectos interessantes sobre a análise da condição homossexual feminina e que serviram de base para o desenvolvimento de sua teoria.

Diferentemente dos relatos do caso Dora, ocasião em que Freud (1905/2016) ainda não tinha elementos teóricos que o possibilitassem pensar o amor homossexual para além da inversão do objeto sexual, com a publicação do caso da jovem homossexual, em 1920, a homossexualidade feminina passa a constituir um dos elementos presentes no próprio Édipo das meninas.

No texto *O Eu e o Id* (1923/2019), quando Freud aborda a dissolução do que chamou de Complexo de Édipo, ele faz importante distinção no processo pelo qual passam os meninos e as meninas. Para os meninos, a resolução do conflito edípico resultaria de uma intensa identificação com o pai, o que possibilitaria a manutenção de uma relação afetiva com a mãe. De maneira análoga, a posição edípica da menina resultaria no fortalecimento de sua identificação com a mãe, que fixaria o caráter feminino na criança.

Porém, no texto *Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica Entre os Sexos* (1925/2019), Freud revê o entendimento de que o complexo de Édipo ocorreria de maneira análoga em meninos e meninas. Ele parte da premissa de que o primeiro objeto de amor tanto dos meninos quanto das meninas é a mãe, mas que o complexo de Édipo traz um problema a mais para as meninas.

No caso das meninas, é necessário que haja uma substituição do objeto, ou seja, abandonar a mãe (objeto do mesmo sexo que o dela) e voltar-se ao pai (objeto de sexo diferente do dela). Esta mudança de objeto se dá em razão do complexo de castração, com a constatação da diferença sexual e da decorrente inveja do pênis. Como consequência, há uma diminuição de intensidade da relação da menina com sua mãe, uma vez que a mãe é a responsável pelo fato dela (menina) não ter um pênis, traço identificatório do sexo. E, o fato da mãe não lhe ter dado um pênis, é porque ela também não o possui.

Diante disso, a menina volta seu interesse para o pai na esperança de receber dele o que a mãe negou, e aquilo que ela espera receber dele é um filho. Ou seja, o pai, como substituto da mãe, aparece como aquele que vai lhe dar o que a mãe não deu: o sinal identificador do sexo (Palonsky, 1997).

André (1996) aponta que na relação mãe/filha, para além de uma relação de amor e ódio, o que ressurgue no inconsciente da criança é o desejo do Outro, e que se configura em: um nó de relações desde sempre inserido nos processos de simbolização...O advento do momento do complexo de castração e da inveja do pênis corresponde menos a uma fase de desenvolvimento da menina do que a um tempo, em que, para ela, a história e a estrutura coincidem (André, 1996, p.58).

Assim sendo, Freud repensou toda a sua teoria sobre a constituição sexual das meninas, reconhecendo ser de fundamental importância a fase pré-edípica, na qual há uma intensa relação da menina com a mãe e que diz muito sobre o aspecto homossexual, que pode estar presente nas mulheres, sejam elas homossexuais ou não.

Neste sentido, Freud (1920/2011) passa a compreender a homossexualidade como um processo de fixação na mãe, que é primária, sendo o amor direcionado ao pai uma derivação (Pastana et al., 2021). Nas palavras do pai da Psicanálise: “Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de ligação pré-edípica com a mãe” (Freud, 1932, p. 273).

Cabe ressaltar que o objetivo deste trabalho não é o de nos debruçarmos longamente sobre a historiografia psicanalítica da homossexualidade feminina. Mas, a partir dos dois casos citados, pensar em aspectos que se mostraram relevantes para a compreensão inicial do tema, e que ainda reverberam na atualidade, e entender como se deu a construção da teoria psicanalítica freudiana, no que se refere à homossexualidade feminina.

Neste sentido, dois pontos se revelaram essenciais, especialmente para o contexto clínico: o reconhecimento da participação da mãe, ou de figura substitutiva, na constituição psíquica da menina, especialmente na fase que antecede o Complexo de Édipo, e todas as implicações desse processo (Pastana et al., 2021). Tais pontos nos levam a pensar que a maneira como lidamos com a envelhecimento está arraigada, ainda que de maneira inconsciente, na relação pré-edípica. Trataremos mais detalhadamente sobre a questão da atemporalidade do Inconsciente, em capítulo posterior.

O outro ponto que implica uma reflexão mais acurada, diz respeito à necessidade de se compreender a homossexualidade não como um processo patológico e estigmatizante, mas como própria de sujeitos desejantes (Pastana et al., 2021). Neste sentido, a busca pela cura da homossexualidade, a famigerada “cura gay”, como é conhecida no Brasil, continua a patologizar os homossexuais e insiste em promover discursos de intolerância e segregação, que são incrementados, em sua maioria, por movimentos homofóbicos de cunho político-religioso.

Portanto, feitas essas ponderações acerca da teoria freudiana sobre a homossexualidade feminina, e considerando-as suficientes para o objetivo a que se presta o presente estudo, passaremos à análise do envelhecimento à luz da psicanálise

## Capítulo II – Envelheci. Logo, vivo. Se vivo, desejo.

Neste Capítulo voltamos nosso olhar para o processo de envelhecimento e para as perdas e alterações que ocorrem nesse momento da vida.

### Depois de florescer e antes de morrer permita-me, simplesmente, murchar...

#### QUANDO CHEGAR

*Quando chegar aos 30  
serei uma mulher de verdade  
nem Amélia nem ninguém  
um belo futuro pela frente  
e um pouco mais de calma talvez*

*e quando chegar aos 50  
serei livre, linda e forte  
terei gente boa ao lado  
saberei um pouco mais do amor  
e da vida quem sabe*

*e quando chegar aos 90  
já sem força, sem futuro, sem idade  
vou fazer uma festa de prazer  
convidar todos que amei  
registrar tudo que sei  
e morrer de saudade.*

(Martha Medeiros.)

As rápidas mudanças pelas quais os países em desenvolvimento vêm passando, trazem como destaque o envelhecimento da sua população, e isso se deve às mudanças demográficas que vêm ocorrendo nos últimos anos. Tais mudanças decorrem, entre outras coisas, do crescente desenvolvimento da medicina e da tecnologia, que contribui para o prolongamento da vida, associado à opção dos casais pela redução do número de filhos, ou mesmo pela opção de não ter filhos (Altman, 2011).

Segundo Papalia et al. (2013), o estudo sobre o desenvolvimento humano busca compreender, cientificamente, os processos sistemáticos de mudança e estabilidade pelos quais passamos, desde a concepção até a maturidade. Para os autores, a importância de tais estudos consiste em auxiliar as pessoas no entendimento e na forma de lidar com as

transições da vida. Os cientistas do desenvolvimento reconhecem que o desenvolvimento humano é um contínuo, que compreende desde a concepção até a morte do sujeito; ou seja, o ciclo da vida.

Eles consideram que o desenvolvimento humano implica três aspectos principais: físico, cognitivo e psicossocial, que se entrelaçam entre si. Essa divisão do ciclo da vida em períodos baseia-se em uma construção social de uma determinada cultura ou sociedade, tal qual as questões relacionadas ao gênero das pessoas. Prosseguem os autores, reconhecendo que a divisão pode parecer um tanto arbitrária, especialmente quanto à fase adulta, quando não há referências físicas e sociais bem definidas (Papalia et al., 2013).

Neste sentido, as mulheres que fazem parte do presente trabalho estariam, segundo a psicologia do desenvolvimento, na fase de vida adulta intermediária, a qual, em termos cronológicos, compreende o período entre 40 a 65 anos de idade. Embora não haja consenso quanto ao período, considerando que as melhorias na saúde e o aumento da expectativa de vida podem elevar os limites superiores desta fase da vida (Papalia et al., 2013).

Portanto, pontuaremos aqui, ainda que de maneira breve, alguns aspectos relevantes da vida adulta intermediária, segundo os autores e estudiosos do desenvolvimento, Papalia et al. (2013).

No que se refere ao desenvolvimento físico, mudanças significativas no corpo, desde aparecimento de rugas e cabelos brancos até o aumento de peso e diminuição da estatura. Ainda neste período da vida, as mulheres passam por mudanças significativas no sistema reprodutivo, como: mudanças hormonais (diminuição do estrogênio e da progesterona), que causam ondas de calor, secura vaginal e disfunção urinária. Mudanças sexuais, com excitação menos intensa, orgasmos menos frequentes e mais rápidos, e término da capacidade reprodutiva. Algumas mulheres relatam dificuldades de conviver com os sintomas do climatério e da menopausa, como ondas de calor e suores noturnos.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo na meia-idade, estudo longitudinal revelou que as capacidades mentais básicas permanecem fortes, mas com grande variabilidade individual; e a inteligência fluida declina mais rápido do que a cristalizada (Papalia et al., 2013).

Feitas essas pontuações quanto ao desenvolvimento físico e cognitivo na meia-idade, passaremos para os aspectos psicossociais, que consideramos mais relevantes para o presente estudo.

O primeiro questionamento apresentado pelos autores citados é se existe a tão falada crise da meia-idade. Segundo esses autores, nesta fase da vida há uma revisão e reavaliação de valores e prioridades, que podem implicar mudanças ou transformações significativas na maneira como o sujeito percebe os significados e como irá lidar com isso. Prosseguem, buscando compreender qual é o papel dos relacionamentos sociais na vida das pessoas de meia-idade, momento em que abrem espaço para pensar os relacionamentos vivenciados por homossexuais na meia-idade (Papalia et al., 2013).

Para Papalia et al. (2013), as pessoas homossexuais, de ambos os sexos, que hoje estão na meia-idade, cresceram em um contexto sociocultural que considerava a homossexualidade como uma patologia; motivo pelo qual muitos(as) se isolavam e tendiam a negar sua natureza perante a sociedade, com receio de sofrerem represálias.

Assim, para os autores, a maneira como os homossexuais masculinos e femininos internalizaram a visão da sociedade sobre a homossexualidade pode impactar diretamente na qualidade dos relacionamentos vivenciados por essas pessoas. Neste sentido, aqueles(as) que internalizaram comportamentos homofóbicos vindos de outras pessoas tendem a apresentar sintomas, como a depressão, relacionados ao próprio autoconceito. E quanto mais se agravam os sintomas depressivos, maior a dificuldade nos relacionamentos (Frost e Meyer citado por Papalia et al., 2013).

Portanto, considerando que essas pessoas cresceram numa sociedade na qual a homossexualidade era rechaçada, muitos(as) ainda permanecem na obscuridade, tentando elaborar seus conflitos internos e externos, suas culpas, medos e relacionamentos conflituosos com ambos os sexos. Por outro lado, para os autores, aqueles que se assumiram ainda na juventude tendem a atravessar as barreiras sociais contando com o apoio de outras pessoas homossexuais. Neste sentido, as amizades têm especial importância para os homossexuais na meia-idade, especialmente para as mulheres homossexuais. Elas costumam obter apoio emocional nas amigas, nas amantes e até mesmo em ex-amantes, mais do que nos vínculos de parentesco (Papalia et al., 2013).

Muitas mulheres homossexuais renunciaram à maternidade; porém, aquelas que optaram por serem mães, nesta fase da vida têm que lidar com filhos adolescentes, ou já no início da vida adulta, com o chamado “ninho vazio”, quando o filho sai de casa, ou com o “ninho atravancado”, quando o filho adulto adia a saída de casa (Papalia et al., 2013).

Outra questão relacional importante é que, na meia idade, muitas mulheres têm que cuidar de seus pais idosos, que requerem atenção e cuidados. Além de questões, como: criação e manutenção dos vínculos profissionais, preparação para a aposentadoria, questões relacionadas ao envelhecimento do corpo, e às influências dos discursos sociais sobre o envelhecimento de mulheres homossexuais.

Todas essas questões são objeto de interesse deste trabalho, uma vez que impactam diretamente no processo de envelhescência de mulheres homossexuais, e podem vir a ser fontes de sofrimento psíquico.

Lima (2006) adverte sobre a importância de se discutir o envelhecimento, até mesmo como uma forma de se repensar socialmente sobre esse período da vida, levando em consideração que, embora o envelhecer seja uma fase do ciclo da vida, ele também é singular.

Em outras palavras, o modo de envelhecer é individual. Daí o porquê da Psicologia do Desenvolvimento ser alvo de tantas críticas.

Para Lima (2006), pensar sobre as diversas maneiras de se envelhecer, a partir do entendimento teórico de subjetividade, é dar à pessoa a possibilidade de fazer escolhas. Significa reconhecer que o sujeito tem autonomia de tomar decisões de acordo com suas crenças, desejos, recursos pessoais e necessidades próprias, para além do que é esperado por um grupo social ou por um modelo pré-existente, inclusive na maturidade. Afinal, se o corpo físico está envelhecendo é porque está vivo e, se está vivo, então, nele ainda habita um sujeito desejante.

### **O tempo do envelhecimento e a Psicanálise**

*Recordo ainda... e nada mais me importa...  
Aqueles dias de uma luz tão mansa  
Que me deixavam, sempre, de lembrança,  
Algum brinquedo novo à minha porta...*

*Mas veio um vento de Desesperança  
Soprando cinzas pela noite morta!  
E eu pendurei na galharia torta  
Todos os meus brinquedos de criança...*

*Estrada afora após segui... Mas, ai,  
Embora idade e senso eu aparente,  
Não vos iluda o velho que aqui vai:*

*Eu quero os meus brinquedos novamente!  
Sou um pobre menino... acreditai...  
Que envelheceu, um dia, de repente!...*

*(Mário Quintana).*

Inicialmente, há que se fazer importante ressalva, no sentido de que a concepção de envelhescência vai para além de um processo de envelhecimento. Posto que envelhecer, está relacionado à dimensão do corpo físico. Nas palavras de Soares (2020): “corpo... que implica finitude em relação à dimensão temporal e ainda uma significação social marginalizada, a

envelhescência aponta para outra direção: ela é um trabalho psíquico necessário para recriar uma experiência – a de viver a velhice.” (p.19).

Neste sentido, em que pese a Psicologia do Desenvolvimento buscar traçar parâmetros comportamentais esperados, de acordo com as idades cronológicas e períodos de vida, Freud levantou a questão do sujeito sob uma ótica diversa da teoria do desenvolvimento. Ou seja, Freud afasta a ideia de que o sujeito, em sua constituição, passa por sucessivas fases evolutivas no decorrer da vida. E, utilizando-se dos conceitos de Inconsciente, pulsão, repetição e realidade psíquica, buscou demonstrar que as primeiras impressões deixadas no sujeito, pelo Outro, não se perdem jamais, ao mesmo tempo em que servem de ponto de atração para a inscrição de outras marcas (Mucida, 2018).

Mucida (2018) esclarece que, em Freud, há três ideias de tempo, as quais estão inscritas nos “três momentos de constituição do aparelho psíquico: um tempo que revela o inconsciente como atemporal; um tempo que se faz *a posteriori* e um tempo do sistema consciência” (Mucida, 2018, p.46).

Quanto à primeira fase, tem-se que o Inconsciente não obedece a uma ordem cronológica, no sentido de uma história linear ou desenvolvimentista que não se modifica no decurso do tempo. Esse primeiro tempo da constituição do aparelho psíquico é formado por traços que se fixam, e deles o sujeito não tem consciência. Ainda assim, esses traços funcionam como “polo de atração para todos os outros traços ou todos os outros conteúdos a serem recalçados” (Mucida, 2018, p.47). Em outras palavras, os traços inscritos não se perdem jamais. Todavia, esse material psíquico sofre rearranjos no decorrer do tempo, permitindo que novas circunstâncias e novas reinscrições se formem, o que é fundamental, na medida em que aponta para a realidade presente no momento (Mucida, 2018).

Na segunda fase, está o Inconsciente cujo núcleo é formado pelos representantes pulsionais carregados de desejo. E, por fim, no terceiro tempo da constituição do aparelho

psíquico, está a pré-consciência, que é permeada por representações verbais; ou seja, mesmo antes de ter acesso à linguagem, o sujeito já introjeta uma série de significantes que só depois serão articulados (Mucida, 2018).

Em suma, segundo Mucida (2018), a ideia de tempo para Freud compreenderia uma espécie de temporariedade retroativa. Ou seja, “traz a ideia de um tempo que passa, mas que, passando, pode retificar um tempo já passado, atualizando-o no presente” (Mucida, 2018, p.46).

Neste sentido, Resende (1999) traz importante colaboração, em sua tese de Mestrado, no sentido de compreender a perlaboração (trabalho de análise), e sua relação com a temporalidade, dentro de um contexto clínico.

A autora pontua que Freud no artigo *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914), tinha como objetivo tornar consciente as resistências do analisando. Todavia, ressalta Resende (1999), apenas recordar e repetir não são suficientes numa análise, é preciso ir além da conscientização da resistência. Sendo assim, “a perlaboração convence o paciente da existência e do poder das pulsões recalçadas que estão alimentando a resistência” (Resende, 1999, p; 23). Porém, esse processo demanda do paciente implicação no trabalho analítico e, por parte do analista, paciência.

Segundo Resende (1999), a perlaboração implica uma nova maneira de se compreender o tempo em análise. Para a autora, a partir da perlaboração, a temporalização em análise sofre uma transformação, no sentido de que deixa de ser uma busca do passado sob uma perspectiva causal e passa a ser um convite ao analisando para que fale, enquanto está repetindo, ou seja, a “perlaborar a *repetição atual*. Passado, presente, futuro e suas inter-relações precisam então ser redimensionadas e de outro modo articuladas” (Resende, 1999, p.1).

Prossegue Resende (1999) no sentido de que a rememoração é fundamental em um processo analítico, mas as diferentes formas de recordar, implicam a necessidade de se pensar em como se processa a temporalidade no trabalho de análise e, a partir de então, articulá-las com as perlaborações do analisando, no intuito de tornar consciente o inconsciente, para além do discurso causal (Resende, 1999).

Afirma Resende (1999) que o trabalho analítico propicia o surgimento de temporalidades diversas e todas elas existem, simultaneamente, no sujeito. E, citando Kristeva (1997), pontua que os diferentes tempos que estão presentes no sujeito, reúnem-se numa espécie de “alucinação”, dando ensejo à perlaboração. (Resende, 1999).

Prossegue ainda: “A perlaboração incide para fazer com que as temporalidades (passado presente, porvir, vigor de ter sido, presente) sejam trabalhadas ‘alucinatoriamente’, gerando uma modificação que não se traduz em uma sequência linear de agoras...” (Resende, 1999, p.115).

Portanto, na meia-idade os traços marcados que não se perderam podem ser reinscritos, o que reitera o fato de que cada um envelhece de seu próprio modo, uma vez que o que foi escrito, será reescrito e reatualizado de acordo com os traços de cada um, e para além do tempo cronológico. Neste sentido, para o Id<sup>2</sup>, o sujeito não envelhece (Mucida, 2018).

Assim sendo, podemos pensar que as influências recebidas durante a vida vão subjetivando o sujeito e implicando a construção de seus significados, o que se reflete na maneira como percebe sua vida. Desta feita, cada sujeito experiencia o processo de envelhescência ao seu próprio modo, não existindo uma velhice natural e comum a todos.

---

<sup>2</sup> Id é uma das três instâncias diferenciadas por Freud na sua segunda teoria do aparelho psíquico. O id constitui o pólo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado hereditários e inatos e, por outro, recalçados e adquiridos. Do ponto de vista econômico, o id é, para Freud, o reservatório inicial da energia psíquica; do ponto de vista dinâmico, entra em conflito com o ego e o superego que, do ponto de vista genético, são as suas diferenciações. (Vocabulário da Psicanálise, Laplanche e Pontalis, 1991, p. 219)

Logo, o envelhecimento é singular, traçado pelo próprio sujeito, e não se atém ou se condiciona à idade cronológica (Mucida, 2018).

### **O Corpo na Psicanálise**

*Meu corpo não é meu corpo,  
É ilusão do meu ser,  
Sabe a arte de esconder-me  
E de tal modo sagaz  
Que a mim ele se oculta  
(Carlos Drummond de Andrade).*

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (2018) atribui, como fonte de sofrimento, a força da natureza, o corpo e os relacionamentos humanos. Sendo as duas primeiras fontes de sofrimento inevitáveis, enquanto a terceira pode ser regulada segundo a vontade dos homens (Inada, 2011). Desta maneira, a questão relativa ao corpo, é para Freud, fonte implacável de sofrimento, uma vez que está condenado à decadência, decrepitude e mortalidade.

Birman (2017) faz uma distinção de organismo e corpo. Enquanto o organismo é da ordem do estritamente biológico, o corpo é da ordem sexual e pulsional mais relacionado à ideia de carne. Segundo o autor, a tradição ocidental tentou colonizar a carne com seus pressupostos objetivantes, mas não conseguiu totalmente. Da parte que sobrou, estariam os registros desejanter e pulsionais do corpo (Birman, 2017).

Por sua vez, Mucida (2018), valendo-se dos pensamentos lacanianos, confere ao corpo uma dimensão simbólica, mediada pela linguagem. Assim, “bem antes de nascermos, bem antes de reconhecermos o corpo como nosso corpo, há certa identificação aos significantes que nomeiam o corpo” (Mucida, 2018, p. 119).

Portanto, o corpo não se reduz à anatomia, há algo inominável que vai para além da ciência fisiológica. Ou seja, ao pensarmos em um corpo, não nos limitamos a pensar em um corpo jovem, velho, bonito, feio, doente ou saudável; pensamos em um corpo que goza, que é erogeneizado pelo Outro e que sofre tanto os efeitos dos significantes, quanto dos objetos

periféricos. Neste sentido, o sujeito tem um corpo, ele não é um corpo. Sendo assim, a autora entende que o sujeito é nomeado pelo Outro, mesmo antes de ter um corpo, e os significantes que acompanham o sujeito continuarão a existir para além da sua morte (Mucida, 2018).

Neste sentido, em uma perspectiva psicanalítica, considerando que o inconsciente é uma instância psíquica que não envelhece, tem-se que ele se encontra em completa dissonância com o corpo físico, que padece dos efeitos implacáveis do tempo.

Daí, a percepção do próprio corpo, bem como a compreensão daquilo que se denomina desejo, pode ou não constituir uma fonte de sofrimento psíquico para o sujeito, a depender de como esse sujeito vem se subjetivando diante dos valores presentes em cada época e em cada cultura. No presente trabalho, buscamos compreender como mulheres homossexuais de meia-idade têm percebido a aproximação da velhice, como têm lidado com o estranhamento decorrente das alterações físicas, e qual o lugar do desejo para elas frente a esse Outro.

### Capítulo III - Mulher, homossexual e envelhecendo. E agora?

*Eu fiz um acordo com o tempo...  
Nem ele me persegue, nem eu fujo dele...  
Qualquer dia a gente se encontra e,  
Dessa forma, vou vivendo  
Intensamente cada momento...  
(Mário Lago).*

Nos capítulos anteriores, podemos perceber que o termo “gênero” pode ser entendido em duas acepções. Ou seja, até as décadas de 1960 e 1970, as questões de gênero tinham um papel social diretamente relacionado às diferenças sexuais entre mulheres e homens. No final da década de 1980, Judith Butler (2020) passou a questionar a ideia de identidade de gênero como sendo um determinante fixo e imutável. Dentro da sua concepção, o gênero é fluido. E ainda, prossegue Butler (2020), não seria possível compreender sexo e o corpo de maneira dissociada da cultura, pois as diferenças corporais são evidentes, mas antes devemos buscar entender de que maneira e por que estas diferenças foram tomadas de determinada forma, a fim de justificar os espaços sociais de maior ou menor autonomia. Neste sentido, gênero nada mais seria do que a repetição de performances que preexistem à própria existência do sujeito (Zanello, 2016).

Zanello (2016), ao desenvolver a ideia sobre o impacto que as tecnologias de gênero impostas pelas mídias sociais, filmes e propagandas exercem sobre a constituição do sujeito, ressalta dois aspectos naturalizados e considerados fundamentais para a realização de uma mulher: o amor e a maternidade. Esses são dois caminhos privilegiados de subjetivação das mulheres na nossa cultura (Zanello, 2016).

Sendo assim, partindo-se da premissa de que a nossa cultura valoriza e incentiva que o dispositivo amoroso das mulheres seja direcionado ao sexo oposto e, ao mesmo tempo, reafirma a maternidade como algo inerente à essência feminina e que se configura como condição *sine qua non* para a plenitude e realização de uma mulher, resta-nos questionar como se sentem e como se subjetivam as mulheres homossexuais que, contrariando esta

lógica, deslocam seu objeto de amor para uma outra mulher? E quando essas mulheres decidem pela não maternidade? Nestes casos, como se apresenta a rede de apoio dessas mulheres?

Além disso, soma-se ao aspecto de gênero, a condição do envelhecimento do corpo físico. Durante muito tempo, a concepção de envelhecimento e velhice estavam associadas a aspectos de declínio, inatividade e às perdas biopsicofisiológicas. Decerto, esta construção, presente no imaginário sociocultural, muito contribuiu para reforçar os preconceitos e estigmas em relação às pessoas maduras, e esse estereótipo presente no imaginário coletivo perpassa gerações.

Portanto, mulheres na meia-idade e que são homossexuais lidam com, no mínimo, triplo preconceito a ser enfrentado: a) o fato de serem mulheres, numa sociedade majoritariamente machista; b) serem homossexuais, numa sociedade crivada de preconceitos homofóbicos; e c) vivenciarem o envelhecimento do corpo físico, tendo que se haver com todos os apelos de uma sociedade que valoriza, cada vez mais, a estética da boa forma física e da juventude, enquanto rechaça os processos naturais do envelhecimento.

Neste sentido, somos convocados a pensar sobre as homovelhices como uma realidade a ser vista, reconhecida, considerada e pensada enquanto sociedade.

## Metodologia

Para a exploração dos temas abordados neste trabalho, optamos pela utilização da metodologia que ressalta a dimensão qualitativa. Na abordagem qualitativa, o objetivo é a compreensão dos fenômenos que nos propomos a estudar; ou seja, levamos em consideração a experiência humana, expressa nas falas das participantes. Segundo Gondim (2002), “a abordagem qualitativa está comprometida com a compreensão e o entendimento do fenômeno inserido em um contexto particular” (Gondim, 2002, p. 158).

Minayo (2012) ressalta que na abordagem qualitativa é preciso buscar compreender o outro levando em conta a singularidade do indivíduo; por outro lado, é preciso considerar que a experiência vivida pelo sujeito é perpassada pela história coletiva presente no contexto cultural no qual ele está inserido.

Assim sendo, optamos pela utilização do método de pesquisa qualitativa, a fim de favorecer a livre manifestação e expressão dos pensamentos e sentimentos que vierem a emergir no contexto da pesquisa, buscando entender os fenômenos a partir dos símbolos e significados atribuídos às falas produzidas pelas participantes no processo de interação entre elas. Como instrumento para a coleta de dados decidiu-se pela utilização da técnica do Grupo Focal, e como tratamento e análise dos dados optamos pela Análise do Discurso (Gui, 2003; Minayo 2012).

Segundo Orlandi (2020), o objeto de estudo da Análise de Discurso é o próprio discurso; ou seja, aquilo que é falado, buscando compreender o sentido, enquanto trabalho simbólico, levando em consideração o aspecto social e histórico de vida do sujeito e que o constitui. Para ela, a Análise do Discurso se interessa pela compreensão “de como um objeto simbólico produz sentido, como ele está investido de significantes para e por sujeitos” (Orlandi, 2020, p. 24). No mesmo sentido, Dunker et al. (2016) afirmam que o discurso

carrega significantes sobre a história de vida dos sujeitos e do campo social em que estão inseridos, e isso se dá pela mediação da linguagem.

Para Quadros et al. (2020), a Análise do Discurso se preocupa com o sujeito, com questões tanto externas como internas e com os mecanismos de produção de sentidos no funcionamento discursivo.

Segundo Caregnato e Mutti (2006), a Análise do Discurso encontra sua fundamentação no tripé: ideologia, história e linguagem. E busca trabalhar os sentidos dos discursos produzidos pelos sujeitos, que podem ser verbais ou não verbais, e que são marcados pela história e pela ideologia. Neste sentido, para as autoras, a formação discursiva compreende o que elas chamam de interdiscurso que são os saberes que circulam na sociedade, que decorrem de construções coletivas e que preexistem ao sujeito; por outro lado, o intradiscurso refere-se à materialidade; ou seja, é a maneira como o discurso é formulado, expressado, linearizado.

Portanto, Orlandi (2020) pontua que o objeto discursivo não é algo posto, ao contrário, ele requer um trabalho de análise. Sendo assim, numa primeira etapa de análise, é necessário converter o dado empírico, presente em um determinado discurso concreto, em um objeto teórico. Para a autora, o trabalho de análise inicia-se pela configuração do corpus, bem como a sua delimitação, juntamente com os recortes, num constante processo de ir-e-vir entre a teoria, a consulta ao corpus e análise. Ela ressalta ainda, que esse procedimento dar-se-á no decorrer de todo o trabalho.

Ainda, Caregnato e Mutti (2006) pontuam que a Análise do Discurso não pretende descobrir algo novo, seu objetivo é fazer uma interpretação, uma releitura daquilo que foi produzido a partir dos discursos dos sujeitos, ressaltando que a Análise do Discurso não pretende estabelecer qualquer juízo de valor ou julgamento quanto ao conteúdo produzido (Caregnato & Mutti, 2006).

Outro aspecto, trazido por Caregnato e Mutti (2006), refere-se ao fato de a interpretação se dar no nível do simbólico; ou seja, é um vestígio do possível. É a partir da interpretação que ocorre a significação. Mas a interpretação não é absoluta, tampouco única, pois o analista é um intérprete que é atravessado por seus afetos, crenças, experiências e vivências, e será a partir destes conteúdos que produzirá seu sentido.

Foucault (1969/2014) ressalta que as práticas discursivas não devem ser compreendidas como simples atos de falas ou expressões, mas como “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2014, p.144). No mesmo sentido, Dunker et al. (2016) discorrem que analisar um discurso implica a busca pela compreensão de como este discurso gera pactos, compromissos retóricos e produz efeitos de poder. Em outras palavras, a posição do sujeito é um lugar que é ocupado por ele em função do posicionamento assumido frente aos diversos papéis sociais desempenhados, e é a fala a partir desse *locus* que autoriza o sujeito a dizer o que diz e faz com que o dito faça sentido. Assim sendo, trabalhamos com a concepção de sujeito ativo que se locomove pelo interdiscurso; ou seja, dentro da perspectiva foucaultiana, o sujeito é por um lado “sujeito de” e de outro “sujeito a”, isto é, ele constitui, mas também é constituído por.

Em suma, ao adotarmos a Análise do Discurso como metodologia, precisamos nos atentar para as relações estabelecidas, considerando que um texto se materializa em enunciado, o enunciado por sua vez em discurso, o discurso em ideologia e a ideologia revela o sujeito no/do discurso. Portanto, a interpretação em análise não é sobre o texto propriamente dito, mas sobre os discursos que os sustentam e atravessam para se estabelecer um sentido. Desta feita, para a Análise do Discurso não há uma linearidade entre aquilo que é dito (ou emitido) e o que é compreendido (recebido). Orlandi (2020) preleciona que há nessa

relação uma recursividade por meio da qual sujeitos afetados pela língua e pelas histórias não se limitam a transmitirem mensagens, para além disso são constituídos enquanto sujeitos que produzem sentidos.

## **Participantes**

No presente trabalho, as participantes foram selecionadas por conveniência, dentro do contexto de relações pessoais da pesquisadora assistente, e convidadas a participarem por meio de convite verbal realizado individualmente. Foram convidadas 06 mulheres com perfis LGBTQIAP+, entre 40 e 56 anos de idade, estado civil diversificado, residentes em Brasília, servidoras públicas estáveis e pertencentes à classe média.

## **Instrumentos**

### ***Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE***

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) apresentou os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam adotados. O mesmo foi lido pela pesquisadora assistente e assinado por cada participante, antes do início da aplicação das técnicas de pesquisa.

### ***Roteiro do Grupo Focal***

Segundo Trad (2009), Grupo Focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que coleta informações por meio das interações grupais. Kitzinger, (2000, como citado em Trad, 2009, p.780) assevera que entrevista com Grupo Focal se baseia em dois pontos: comunicação e interação, e tem como objetivo reunir informações de um grupo de participantes, previamente selecionados, sobre um tema específico, a fim de colher informações que permitam compreender as percepções, as crenças e atitudes sobre o tema em questão.

No mesmo sentido, Aschidamini e Saupe (2004) afirmam que o objeto de estudo de um Grupo Focal está na interação entre os participantes e o pesquisador e que, a partir das discussões propostas sobre o tema, e com foco em tópicos específicos e diretivos, “tem por objetivo gerar uma gama de respostas e formular hipóteses, e não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas” (Aschidamini & Saupe, 2004, p. 10).

Ainda, para Morgan (1997, como citado em Gui, 2003, p.3), a essência de um Grupo Focal é a interação grupal, por meio da qual serão produzidos dados e *insights* que seriam menos acessíveis, por exemplo, em entrevistas individuais. Ademais, outra vantagem do Grupo Focal reside na oportunidade de se observar uma grande quantidade de interação sobre um determinado tema em um período limitado de tempo. Urge ressaltar que, ao se utilizar um Grupo Focal, não se pretende um consenso entre os participantes acerca do tema abordado, mas sim que haja uma pluralidade de ideias (Gui, 2003).

No mesmo sentido, Backes et al. (2011) afirmam que a utilização de um Grupo Focal aumenta a possibilidade de acesso às informações, uma vez que fomenta e cria um espaço de discussão e trocas de experiências. Com isso, prosseguem os autores, os temas trabalhados tendem a ser mais problematizados, na medida em que permitem aos participantes emitirem suas opiniões, mas também ouvir outras opiniões, enriquecendo a discussão e abrindo possibilidades para o surgimento de novos sentidos sobre um tema de interesse comum entre os participantes.

De acordo com Trad (2009), o número de participantes em um Grupo Focal deve gerar em torno de seis a quinze participantes. Mas, a quantidade de participantes não é unânime, uma vez que os autores divergem quanto ao número ideal. Para Boni *et al.* (2005), o grupo deve ter de seis a oito participantes, já para Aschidamini e Saupe (2004), o número seria oito a e para Gondim (2002), um grupo focal deve ter entre quatro a dez participantes.

Por outro lado, os autores são unânimes quanto ao perfil dos participantes. Para Trad (2009), os participantes devem apresentar características comuns à temática da pesquisa e que sejam selecionadas pessoas que tenham experiência com o assunto a ser pesquisado. Para Gui (2003), a escolha dos participantes deve levar em consideração o propósito da pesquisa; para Aschidamini e Saupe (2004), a amostra deve ter pelo menos um traço comum importante para o estudo proposto. Por fim, para Boni et al. (2005), os participantes devem ser escolhidos a partir de um grupo cujas ideias e opiniões sejam de interesse da pesquisa.

Outrossim, Boni et al. (2005) ressaltam que esta técnica pode ser usada com um grupo de pessoas que se conheçam previamente ou com pessoas desconhecidas entre si. No mesmo sentido, Vichas (citado em Gui, 2003, p.6) resalta a importância de grupos homogêneos quanto a determinados parâmetros da pesquisa, posto que, nestes casos, a homogeneidade irá favorecer a identificação e integração entre os membros do grupo.

Trad (2009) assevera que devem ser reservados espaços próprios para a realização dos grupos focais, de preferência espaços neutros, sendo o ideal uma sala capaz de acolher confortavelmente os participantes, além de ser protegido de ruídos e interrupções externas (Trad, 2009).

Segundo Gui (2003), no grupo focal é imprescindível que se tenha um ponto a ser trabalhado, em torno do qual as participantes deverão expressar suas opiniões, percepções e sentimentos. Portanto, o roteiro deve ser bem planejado, os tópicos devem seguir uma sequência lógica, bem organizada, de acordo com o que se pretende com a pesquisa. Este roteiro também visa a auxiliar o moderador na condução do grupo, permitindo um maior controle. Krueger (citado em Gui, 2003, p.7) estima que um número ideal de questões de um roteiro de entrevista deve ser de, aproximadamente 12 questões.

Trad (2009), quanto ao papel do moderador, afirma que dois aspectos devem ser observados para o emprego da técnica do grupo focal: que o moderador tenha amplo

conhecimento do tópico em discussão, para melhor condução do grupo e haja um apoiador na condução do grupo. Quanto a este último elemento, caberia auxiliar o moderador nos aspectos práticos da pesquisa, como, por exemplo, ser responsável pela gravação de áudio.

Scrimshaw e Hurtado (1987 citado em Trad, 2009, p. 786)) trazem como atribuições do moderador: a) iniciar a discussão e a manter durante todo o trabalho; b) deixar clara a questão do sigilo e que não há respostas certas ou erradas; c) encorajar a participação de todas, criar condições para que todas as pessoas participantes possam se manifestar; d) ficar atento às deixas que podem surgir na fala das participantes; e) observar as comunicações não verbais e o ritmo das participantes.

Por todo o exposto, depreende-se que o moderador deverá ter habilidade e sensibilidade para conduzir o grupo, de tal maneira que o foco sobre os temas de interesse não se perca, mas, ao mesmo tempo, cuidado para não cercear a espontaneidade das pessoas participantes. Em suma, cabe ao moderador ser menos diretivo e mais centrado no processo de discussão (Trad, 2009).

Neste trabalho, a homogeneidade na composição do grupo decorreu da condição de gênero compartilhada pelas participantes e pela faixa etária à qual pertencem, posto que são critérios que atendem aos objetos centrais no presente trabalho: homossexualidade e envelhecimento. Cumpre ressaltar que a decisão de participar do Grupo Focal foi individual e livre de qualquer coação, mediante o assentimento nos termos do TCLE (Anexo 1).

Além disso, a partir do uso desse recurso técnico, este trabalho buscou compreender os significados, as representações sociais produzidas a partir da fala e da interação entre as participantes. Por fim, foram analisados os discursos produzidos pelas participantes a partir de temas sugeridos, conforme roteiro previamente estabelecido (Anexo 2).

## **Procedimentos**

### ***Considerações Éticas***

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília, conforme Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde ([https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso\\_12.htm](https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_12.htm)), tendo recebido o número CAAE 53153321.9.0000.0023 (Anexo 3).

Em respeito aos princípios éticos e técnicos, as participantes foram orientadas sobre os objetivos do estudo, informadas quanto ao sigilo e ao anonimato, os quais foram preservados, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes do início do processo de coleta de dados. Foi esclarecida a possibilidade de interrupção de sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo pessoal. No caso da identificação de sinais sugestivos de sofrimento psíquico, identificados ao longo do processo, as participantes seriam acolhidas e, se necessário, informadas e encaminhadas pela pesquisadora a procurarem atendimento especializado em serviços psicológicos da cidade.

### ***Coleta de Dados***

Inicialmente, as participantes foram individualmente contactadas via contato telefônico, informadas do objetivo da pesquisa e questionadas sobre seu interesse em participar da pesquisa. Em seguida, após anuência de cada participante, foram informados o local, o dia e a hora em que se realizaria o encontro do Grupo Focal.

Assim, o trabalho foi desenvolvido em uma sala ampla, em ambiente especialmente reservado, garantindo-se a privacidade da interação. Estiveram presentes apenas as participantes e a pesquisadora assistente. A sala era ampla e arejada, além de dispor de luminosidade natural e artificial.

Quanto ao ambiente físico da pesquisa: na sala em que o Grupo Focal foi realizado, havia três poltronas individuais, sendo duas giratórias e uma fixa; um sofá de dois lugares e

outro sofá de três lugares, todos os assentos dispostos em forma semicircular, para que a câmera do tablet pudesse captar a todas, de tal maneira que as participantes se sentissem confortáveis, em ambiente acolhedor, e pudessem ver umas às outras, facilitando a interação e o contato entre elas. As participantes escolheram seus assentos livremente, conforme a preferência de cada uma. Tendo em vista o contexto de COVID-19, foi obedecido o protocolo de segurança quanto ao uso de máscaras e distanciamento social, conforme as diretrizes impostas pelo Poder Público.

No centro do círculo havia uma mesinha de apoio onde foram disponibilizados garrafa de água e copos, e outras duas garrafas com chá e café para que as participantes se servissem, caso desejassem, além de recipiente com álcool em gel que foi disponibilizado também nas mesinhas de apoio lateral. Havia também um tablet para captação do áudio das conversas e interações entre as participantes.

Quanto aos recursos empregues para a coleta de dados, além do tablet posicionado na mesinha central, ao lado do sofá de três lugares foi colocada uma mesinha de apoio, onde estava posicionado um celular *smartphone* que também foi utilizado para a gravação de áudio. Entre as 02 duas poltronas giratórias foi colocada outra mesinha de apoio, onde foi colocado um segundo celular *smartphone* que também foi utilizado para gravação de áudio. O emprego de um tablet e de dois celulares *smartphones*, em lugares estrategicamente dispostos, teve como função a captura de áudio em pontos distintos, o que permitiu uma melhor escuta quando da transcrição da reunião, na fase de análise de dados; além, de ter sido um fator de segurança, caso um dos equipamentos apresentasse algum problema técnico. Ainda, ao lado do sofá de dois lugares foi colocada uma terceira mesinha de apoio, sob a qual foi posicionado um notebook que foi utilizado para a captura do som e da imagem durante a reunião do Grupo Focal. Cumpre frisar que o notebook foi colocado de maneira a capturar a imagem de todas as participantes, salvo se alguma delas manifestasse desconforto quanto à

gravação de sua imagem. Caso isso acontecesse, a reunião seria gravada, preservando-se o sigilo da imagem da participante que não concordasse em ser filmada. Se as demais participantes também não anuíssem quanto à captura de imagem, a pesquisadora assistente utilizaria o software Icecream Screen Record (ou similar) na modalidade áudio, sem captura de vídeo e anotaria expressões, atitudes e reações relevantes para posterior descrição.

No presente trabalho, optou-se pela adoção de quatro eixos temáticos: Temporalidade, Corpo, Desejo e Perspectiva, que foram divididos em subitens, conforme Roteiro (Anexo 2). Neste sentido, quanto ao tempo de duração, a reunião teve a duração de 01h30.

Dada a natureza do presente trabalho, que implicou aspectos sensíveis quanto à identidade e privacidade das participantes e, ainda, considerando que o grupo focal foi composto por um número restrito de pessoas, além de contar com material tecnológico suficiente para gravar áudio e vídeo, optou-se pela presença apenas do moderador, que foi a própria pesquisadora assistente.

### ***Análise de Dados***

A análise de dados foi realizada de acordo com o método de Análise do Discurso que, como já dito, leva em consideração os sentidos que são produzidos, e não o conteúdo do texto, e ocupa-se em compreender de que forma o discurso opera no campo simbólico.

Com base nas considerações feitas alhures, optamos por utilizar a Análise do Discurso como metodologia de análise de dados, por entender que, durante as interações entre as participantes do Grupo Focal, os discursos podem ser pensados para além da fala consciente e real, mas serem influenciados por aspectos do inconsciente que historicamente estão implicados na maneira de pensar e de agir dos indivíduos. O referencial teórico utilizado foi o da Psicanálise, sobretudo a partir das contribuições de Freud, Lacan e de psicanalistas contemporâneos.

Levando em consideração os ensinamentos de Foucault (2014), consideramos como prática discursiva a forma como as participantes falaram sobre como elas têm sentido o processo da homoenvelhecência, partindo da premissa de que estão num lugar de exclusão social. Lugar este que é determinado por regras anônimas, históricas e culturais, como propôs Foucault (2014).

## Resultados e Discussão

Neste trabalho buscamos compreender qual a condição de envelhecimento de mulheres homossexuais. Para melhor nortear a apresentação dos resultados obtidos, dividimos os conteúdos pesquisados nos seguintes itens:

a) Temporalidade - Neste item, buscamos compreender como mulheres homossexuais de meia-idade percebem a passagem do tempo e de que forma a ausência de marcos como: casamento, nascimento de filhos, formatura dos filhos, chegada de netos impactam (ou não) a percepção temporal dessas mulheres.

b) Corpo - Partindo da premissa de que vivemos numa sociedade de apelos múltiplos como corpo perfeito, belo e jovem, buscamos compreender como essas mulheres têm se relacionado com a autoimagem e os discursos de uma sociedade calcada em valores estéticos; se a imagem refletida no espelho está de acordo com a sua autopercepção e como lidam com questões de maternidade, climatério e menopausa.

c) Desejo e sexualidade – Aqui buscamos compreender o que se espera de relações homoafetivas na meia-idade e qual o lugar do desejo na vida dessas mulheres.

d) Perspectivas futuras – E neste item, buscamos compreender sobre as perspectivas para o futuro; sobre onde reside a rede de apoio dessas mulheres: por exemplo, família, amigos, e se há lugar para as homovelhices femininas na sociedade atual.

A partir desses quatro eixos centrais, buscamos analisar as particularidades do processo de envelhecimento de mulheres homossexuais de meia-idade. Afinal, há que se considerar o elevado número de pessoas que chegam a esta condição, mas que continuam à margem da sociedade, sob o ponto de vista de sua invisibilidade e falta de reconhecimento.

Essa divisão teve um propósito didático e também serviu como elemento condutor das discussões e das perguntas formuladas ao longo da interação no Grupo Focal. Assim, a análise do material levou em consideração o que foi se destacando no discurso das

participantes dentro de cada eixo temático, e sua articulação com a teoria psicanalítica, considerando os ditos e não-ditos presentes nos diversos discursos. Para utilização da metodologia da Análise do Discurso, adotamos os seguintes procedimentos: (i) identificar os processos de significação e de constituição subjetiva que perpassam os discursos das participantes, evidenciando os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; (ii) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas das participantes; (iii) identificar e reconhecer os “não-ditos” presentes nos discursos, relacionando o não-dizer com o subtendido, o implícito; (iv) levando-se em consideração o referencial teórico da psicanálise, bem como aspectos sociais e antropológicos, analisar as posições subjetivas e os processos de produção de sentido.

Quanto às participantes, por motivos éticos e de sigilo, a discussão do grupo focal não foi transcrita na íntegra. Outrossim, a fim de preservar a identidade de cada uma, foram utilizados codinomes. Para tanto, e como homenagem à luta dessas mulheres pelo reconhecimento, pela visibilidade, pela dignidade e pelo respeito às lésbicas em processo de envelhecimento, optamos por honrá-las com nomes ofertados às deusas gregas do Olimpo. Portanto, participaram desta pesquisa: Afrodite (51 anos), Atena (55 anos), Deméter (42 anos), Ártemis (56 anos), Gaia (41 anos) e Hera (53 anos).

## **Temporalidade**

*Ah! Espelho meu! Cada vez em que em ti me vejo.  
Me vejo menos eu.  
(Mário Quintana).*

Freud (1915), no artigo O Inconsciente afirma: “Os processos do sistema Ics são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo.” (Freud, 1915, p. 93-94). No mesmo sentido, Mucida (2018) diz que o inconsciente não se organiza em conformidade com o tempo

cronológico, não segue um desenvolvimento linear e não se modifica ao decurso do tempo. Ou seja, o inconsciente está sempre se renovando, produzindo novas articulações e promovendo novos sentidos. Daí, podemos pensar que a percepção do envelhecimento está muito mais associada aos processos de subjetivação do sujeito do que, necessariamente, com a sua idade cronológica.

Acrescenta Berlinck (2000) que a envelhescência é um significante tal qual o ato falho, o sonho ou chiste. Todavia, para o autor, a envelhescência pressupõe algo além dos sintomas produzidos por um ato falho ou um sonho, por exemplo, que se repete, mas sem qualquer efeito de subjetivação. Assevera que, ao contrário, a envelhescência pressupõe um ato de subjetivação, na medida que, na envelhescência, é preciso que o sujeito se reinvente. Para o autor, é no encontro de uma realidade pulsional (que mantém o sujeito jovem o tempo todo), com o envelhecimento do corpo físico, que reside a envelhescência. Corrobora Soares (2020), é na intersecção entre o corpo físico, que padece dos efeitos do tempo, e o psiquismo que se mantém atual, que a envelhescência pode ser pensada. É neste ponto, onde há encontros e desencontros que encontramos a envelhescência.

Assim, extraímos da fala de Gaia:

“...Eu observei que uns cabelos brancos começaram a surgir de uns anos pra cá, e essa percepção é interessante porque tem esse conflito, como uma virada de chave, a responsabilidade vinda. Brincadeiras que eu fazia há uns anos, agora não cabe mais. Você já tem 41 anos! Mas de vez em quando isso entra em choque porque como eu gosto muito de criança, dos cachorros a vontade que dá, naturalmente, é de continuar com as mesmas brincadeiras...”.

Em sua fala, Gaia, reforça a natureza atemporal do inconsciente, posto que o infantil permanece em todas as idades, ou seja, o tempo do desenvolvimento deve ser levado em conta, mas suas significações remetem ao sujeito (Soares, 2020).

Ainda, quanto à questão da percepção temporal, Berlinck (2000) faz uma importante distinção entre velhice e envelhecimento. Para o autor, a velhice é o descompasso entre o inconsciente atemporal e o corpo, no plano da temporalidade, ao passo que a envelhecimento compreende um trabalho psíquico no sentido de elaboração acerca dos desafios advindos da idade. Neste sentido, Soares (2020) propõe que o termo envelhecimento seja compreendido como esforço implicado em diferentes níveis de organização simbólicas, tanto no campo social quanto no funcionamento psíquico do sujeito, considerando que dela participam as identificações imaginárias presentes nas relações com o Outro. Neste sentido, para a autora, a psicanálise pode contribuir com a compreensão do envelhecimento do sujeito, utilizando-se do conceito de envelhecimento, como um processo de reconstrução e ressignificação da experiência subjetiva. Assim sendo, diante da noção de envelhecimento proposta acima, passemos à análise dos discursos:

“...Anos atrás quando me chamaram para comemorar 30 anos de colégio eu disse: Hã??? 30 anos! Aí você começa a perceber, porque mentalmente a gente não sente. Eu, pelo menos, mentalmente, só sinto que eu estou melhor a cada dia, no sentido mental. Eu não tenho nenhuma vontade de retorno. Deus me livre ter 18 anos, porque eu não vou levar o que eu tenho hoje para os 18 anos, vou ter que passar tudo de novo. (risos)...” – Hera.

Ainda Afrodite:

“... as vezes a gente leva um susto com a passagem do tempo. Por exemplo, a gente optou por viajar para vários lugares e quando se dá conta: “nossa já passou 10 anos, o tempo voou! Pode ser um susto, mas é assim, nem notei e a vida segue.”.

Nos discursos de Hera e Afrodite, podemos observar que as participantes, ao utilizarem-se de uma perspectiva de envelhecimento calcada em uma cronologia linear, mostraram-se surpresas com a dissonância do tempo cronológico e suas autopercepções

enquanto sujeitos. No caso de Hera, ela deixa evidente seu não desejo de retroagir no tempo, ao passo que Afrodite demonstra uma certa surpresa, mas apresenta uma fala com perspectivas futuras.

Já Deméter, pontua: “Mas tem muita gente que tem a percepção do tempo associada ao sofrimento – “aí, já estou com 50 anos!”.

Como dito por Deméter, para umas pessoas a envelhescência pode ser entendida como um processo de sofrimento, onde talvez haja dificuldades de autoaceitação e ressignificação de processos decorrentes do envelhecimento físico e orgânico.

Para Ártemis:

“Pra gente era assim quando menor, 40 anos na idade da mãe da gente era pessoa bem mais velha do que a gente se sente hoje. Bem mais velha mesmo. Eu estou com 56 e me sentindo ainda capaz, apenas fechando alguns ciclos... A gente percebe a passagem do tempo até quando a gente mesmo diz: no meu tempo era diferente...”.

Ártemis, por sua vez, traz à tona a questão das impressões que foram sendo subjetivadas ao longo da vida, por meio das quais a compreensão da mulher de meia-idade estava associada à velhice e, talvez, a limitações. Tanto que, no discurso da participante, ela ressalta este aspecto de sentir-se capaz, apesar da idade cronológica.

Assim sendo, se para a psicanálise, o Inconsciente não se ordena de acordo com o tempo cronológico e linear, e se os traços uma vez inscritos, não se perdem jamais, então, o sujeito não envelhece. Por outro lado, prossegue Mucida (2018), se a dimensão do inconsciente é atemporal e imutável, insurge a possibilidade de mudança na relação do sujeito com aquilo que não se modifica. Sendo assim, as sessões de análise, uma vez estabelecida a transferência, podem fazer com que o inconsciente atemporal se inscreva no tempo, no presente, atualizando-o e promovendo uma via tripla entre passado, presente e futuro por meio da interpretação. Eis o trabalho do analista.

Portanto, podemos perceber que o sentido da envelhescência depende do sujeito, em outras palavras, depende do sentido que o sujeito emprega em cada momento da sua vida.

Como já dito, o objetivo deste eixo temático foi buscar compreender como mulheres homossexuais de meia-idade percebem a passagem do tempo, e se a ausência de marcos socioculturais impacta na percepção temporal.

A participante Hera se manifestou da seguinte maneira: “Quando eu comecei a perceber que a idade estava andando, muitas vezes não veio por mim mesma, é o externo que começa. Quando você começa a ser chamada: a senhora...tá entendendo? As pessoas de 30 anos te chamando de senhora e eu com 53... Eu acho que quem me chamou a atenção para que o tempo estava passando veio de fora. Aí você diz: oi?... Então eu acho que para mim, a percepção do tempo começa a chamar atenção porque estamos num país que envelhecer parece uma coisa ruim.”.

Há, nesta fala, dois pontos que merecem destaque: o aspecto social e o olhar do Outro. Quanto ao aspecto social, a participante toca num ponto nevrálgico das sociedades ocidentais, qual seja, o preconceito contra o envelhecimento. Ao dizer “a percepção do tempo começa a chamar atenção porque estamos num país que envelhecer parece uma coisa ruim”, a participante, possivelmente, quer realçar o caráter excludente, imbricado no contexto sociocultural brasileiro, por meio do qual o envelhecimento natural do corpo físico revela-se como algo a ser evitado ao máximo.

Vivenciamos no Brasil, a intolerância ao diferente que habita o outro, e para além dos direitos conquistados, o que vivenciamos, diuturnamente, é o repúdio acintoso a tudo aquilo que foge do padrão socialmente preestabelecido. Em uma sociedade de apelos múltiplos e culto incessante à jovialidade, o processo natural de envelhecimento é visto como algo “ruim”, como disse a participante. Portanto, faz-se necessário compreender a envelhescência considerando o sujeito em relação a si mesmo e à sociedade em que vive. O cenário fica

ainda mais alarmante quando se pensa em homovelhices, que envolvem um contingente populacional significativo e que estão sujeitas a riscos de marginalização e violências de toda natureza. Essa questão será minuciosamente explorada no próximo eixo temático (Corpo).

O segundo aspecto, levantado pela participante Hera, diz respeito ao olhar do Outro como elemento determinante na percepção da passagem do tempo.

Disse Hera: “Quando eu comecei a perceber que a idade estava andando, muitas vezes não veio por mim mesma, é o externo que começa. Quando você começa a ser chamada: a senhora...tá entendendo?... Eu acho que quem me chamou a atenção para que o tempo estava passando veio de fora. Aí você diz: oi?...”.

No mesmo sentido, manifestou-se Gaia: “Eu percebo assim, minhas sobrinhas é que falam: tia, quantos anos você tem? E é isso que nos lembra, porque a gente não fica pensando nisso o tempo todo, né? Aí, quando vem de fora, você para e fala: eu já tenho 41! E elas falam: tudo isso? Nem parece!...”.

Insurge dessas falas o olhar do Outro como um sinalizador da passagem do tempo para o sujeito. Neste sentido, velho é sempre o Outro. Respaldamo-nos nos dizeres de Mucida (2018), quando nos diz que o sujeito percebe o seu envelhecimento “pelo olhar do Outro, ou ele se vê velho pela imagem que o Outro lhe devolve.” (Mucida, 2018, p. 27).

Durante a envelhescência, o sujeito começa a presenciar o real do corpo que se transforma e passa a ser marcado com modificações que levam à decadência daquilo que sempre se constituiu como um “ideal do eu”, forma pela qual o sujeito viu-se amado e que serviu de mediação entre o seu “eu” e seu narcisismo. Essas perdas dos traços simbólicos, que são introjetados pelo “ideal do eu”, podem se revelar fonte de sofrimento psíquico para muitas mulheres, frente ao desamparo que esta condição lhe impõe.

Freud (1919), no texto *O Estranho*, busca compreender o sentimento de estranheza que nos acomete quando alguma coisa que nos é familiar, apresenta-se como desconhecida.

Utilizando-se dos termos em alemão *heimlich* (familiar) e *unheimlich* (estranho), Freud (1919) relata uma experiência pessoal na qual, ao se deparar com sua imagem no espelho, não se reconheceu. A partir desse encontro/desencontro consigo mesmo, diz Freud (1919) que *unheimlich* seria uma subespécie de *heimlich*, ou seja, há algo de estranho naquilo que é familiar.

Para Carneiro (2017), há um deslocamento entre a visão que percebemos de nós mesmos e a presença de algo que nos escapa totalmente. E quando a imagem real retorna à nossa visão, nos causa um sentimento de estranheza, fazendo-nos sentir como estrangeiros da nossa própria imagem. Assim, desconhecemos o que de real emerge do nosso reflexo e que nos denuncia a passagem do tempo. Por outro lado, reconhecemos a incidência das marcas do tempo deixadas no nosso semelhante contemporâneo, acreditando que apenas o outro envelheceu. Prossegue Carneiro (2017), “Essa imagem da velhice é o estranho que se apresenta diante de nós. É ela, que escapando ao nosso reflexo, torna-se inapreensível ao campo visual. É por meio dela que podemos entrar contato com um real, isolado no campo do Outro sobre o qual só podemos ter notícias através de uma sensação de estranheza.” (Carneiro, 2017, p. 127). Em suma, a envelhescência visa tornar o sentimento de estranheza, esse “outro estrangeiro, em uma experiência do campo familiar”. (Soares, 2020, p.89).

Ártemis, por sua vez, aponta para um marcador social relevante na vida de muitas pessoas na envelhescência: a aposentadoria. Diz: “...Eu estou com 56 e estou como se tivesse fechando um ciclo. Não sei se é porque eu estou aposentando agora, mas assim, eu não tenho medo da idade. É como se eu tivesse fechado esse ciclo e vida que segue. Passando para outra coisa, como se a minha responsabilidade daquele momento, fechou e acabou...” – Ártemis.

Continua Atena, trazendo dois outros marcos importantes e reveladores da passagem do tempo: a maternidade e a morte de seus ascendentes. Vejamos:

“Eu acho que eu tenho um marco mais definido que é a minha filha, né? Porque eu vejo assim de uma forma muito clara o tempo passando. Por exemplo, semana passada a gente combinou e fomos a um restaurante almoçar, e é incrível como o nível de conversa com ela vai ficando mais elaborado. Mais de igual, como essa relação vai mudando. O trajeto dela marca também o meu tempo.” – Atena.

“...mas outra coisa que eu percebo que marca meu tempo é quando eu recebo uma notícia de morte na família....eu acho que a morte dessas pessoas mais velhas da família vão dando um contorno diferente para a idade que a gente tem...” – Atena.

Podemos extrair da fala de Ártemis e Atena três possíveis fontes de desamparo e sofrimento psíquico, que marcam a envelhescência: a aposentadoria, a saída dos filhos de casa (“ninho vazio”) e a morte.

Na obra *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930) trata do desamparo do sujeito, sua fragilidade frente às questões corporais, às ameaças da natureza e às questões relacionais com o Outro. Então, Freud (1930) aponta para três fontes primárias que poderiam esclarecer a origem dos sofrimentos humanos: o poder superior da natureza, a fragilidade do corpo e a atividade normativa capaz de regular os vínculos sociais. Quanto às duas primeiras, prossegue Freud, não há o que se fazer, senão nos render a essas fontes de sofrimento e reconhecimento do inevitável. Porém, quanto à terceira fonte de sofrimento, a social, essa nos traz uma enorme inquietude, pela ambivalência que nos causa.

Soares (2020) contra-argumenta que se, por um lado, a base do envelhecimento é determinada biologicamente, dada a finitude da vida, por outro a superestrutura cultural permite que haja reinterpretações e reconstruções por parte do sujeito. Prossegue a autora, dizendo que, neste sentido, “o envelhecimento estará mediado pelo processo de civilização” (Soares, 2020, p. 103).

Na fala de Ártemis, ao se referir à aposentadoria como um fim de um ciclo, podemos depreender que a sua relação com o campo social no trabalho vai se modificar, vai representar uma passagem de posição simbólica, com o mais antigo cedendo lugar ao mais novo. Por outro lado, ainda na fala de Ártemis: “e a vida que segue...” traz um não dito que pode ser compreendido por uma certa ambivalência social, ou seja, na visão freudiana, se a aposentadoria pode representar um de lugar de sofrimento psíquico, de profunda ausência e desamparo; por outro lado, permite compreender um processo de ressignificação, de reinvenção do próprio sujeito, ao pensar nas inúmeras possibilidades que podem se apresentar a partir desse lugar.

Neste sentido, Deméter trouxe este contraponto à fala de Ártemis.

“Ártemis falou sobre a questão da aposentadoria, é um ponto final para aquele tipo de trabalho, mas pode ser o recomeço para outras atividades. Que outras eu vou querer? Eu faço mais uma especialização e às vezes eu me pergunto para que estou fazendo isso? Mas quando eu transformo a pergunta em para quem estou fazendo? Eu fico extremamente satisfeita, é isso que eu quero, eu não me veria em outro lugar. Eu acho que estou fazendo o que eu sempre gostei, e acho que a idade não é um limitante para a gente fazer as atividades, acho até que dá uma percepção diferente da vida né?”

Subentende-se das falas das participantes que a aposentadoria pode representar uma ruptura subjetiva para algumas pessoas, com a retirada compulsória dos cenários sociais e a reinserção no espaço familiar, podendo implicar em um enfraquecimento do sujeito com o Outro (Soares, 2020). Ou, numa atitude oposta, como uma oportunidade que o sujeito tem de investir em si mesmo e nas coisas que fazem sentido para ele. Para além de um processo de exclusão e regresso, a aposentadoria pode configurar um reencontro consigo mesmo e, neste sentido, mais uma vez, podemos pensar na envelhescência como um processo de subjetivação.

Atena ainda traz o trajeto de sua filha como marcador do seu próprio tempo, e a morte de familiares como lembrança da finitude da vida. Podemos depreender que no âmbito familiar, o crescimento dos filhos, entrada na faculdade, casamento e chegada dos netos representa uma inversão de posições, ou seja, passa a existir uma mudança estrutural na configuração familiar. Neste momento do envelhecimento, o sujeito experencia um profundo desamparo, talvez porque tenha sua função ligada à sexualidade, ao trabalho e ao reconhecimento do Outro, inclusive na própria família, diminuída (Soares, 2020). Mas ainda assim, há saídas possíveis na envelhescência, de resgate e reconfiguração da subjetividade, do seu lugar enquanto sujeito. Atena, mesmo sendo lésbica, é mãe e, pela sua fala, podemos perceber que mantém uma relação de igualdade com a filha; em outras palavras, o lugar na família e no campo social mantém-se preservado até então (Soares, 2020).

Todavia, quando Atena fala da morte dos parentes mais velhos como um sinalizador da passagem do tempo para ela, reporta assim ao desamparo existencial trazido por Freud (1930), em *O Mal-Estar na Civilização*, que traz a fragilidade e finitude do corpo físico como uma fonte de sofrimento psíquico. Na fala de Atena: “vai dando um contorno diferente na idade que a gente tem...” percebe-se um não dito. Ou seja, parece implícito na fala que a morte dos seus ascendentes representa, via de regra, a proximidade de sua própria morte também.

Por fim, diz Hera: “Mas tem muita gente que tem a percepção do tempo associado ao sofrimento: - aí, já estou com 53 anos!”.

Hera reporta à dificuldade que algumas pessoas têm de elaborar psiquicamente o envelhecimento, considerando o sujeito em relação a si mesmo, à sociedade em que vive e ao lugar que ocupa (Soares, 2020). O que, de certa forma, retrata um certo desamparo. Todavia, há que se ressaltar que o desamparo é constitutivo do ser humano e está presente do início ao fim de sua vida, como apregoou Freud (1919). Desta feita, buscamos em Berlinck a

concepção de envelhescência como “um desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo, âmbito da temporalidade” (Berlinck, 2000, p.193).

## **Corpo**

Neste tópico buscamos compreender como questões como o fim do período reprodutivo, a chegada do climatério, da menopausa e as marcas físicas do envelhecimento são sentidas pelas participantes.

Birman (2017) faz uma distinção entre organismo e corpo. Enquanto o primeiro é estritamente biológico, o segundo é da ordem do sexual e pulsional. Segundo o autor, a tradição ocidental tentou colonizar o corpo com seus pressupostos objetivantes, mas não conseguiu totalmente. Da parte que sobrou, estariam os registros desejantes e pulsional, que não se reduzem ao conceito de organismo (Birman, 2017).

Mucida (2018), valendo-se dos pensamentos lacanianos, confere ao corpo uma dimensão simbólica, mediada pela linguagem. Assim, ele afirma que “bem antes de nascermos, bem antes de reconhecermos o corpo como nosso corpo, há certa identificação aos significantes que nomeiam o corpo” (Mucida, 2018, p. 119).

Sendo assim, o corpo não se reduz à anatomia, há algo inominável que vai para além desse entendimento. Ao pensarmos em um corpo, não nos limitamos a pensar em um corpo jovem, velho, bonito, feio, doente... pensamos em um corpo que goza, que é erogenizado pelo Outro e que sofre os efeitos dos significantes tanto quanto dos objetos periféricos. Neste sentido, o sujeito tem um corpo, ele não é um corpo. Logo, o sujeito é nomeado pelo Outro mesmo antes de ter um corpo, e esses significantes continuarão a existir para além da sua morte (Mucida, 2018).

Logo, a percepção do próprio corpo pode (ou não) constituir uma fonte de sofrimento psíquico para o sujeito, a depender de como esse sujeito vem se subjetivando diante do Outro ao longo do tempo, bem como dos valores presentes na sociedade contemporânea.

Alguns textos Freudianos tematizam as relações entre os sujeitos e as exigências socioculturais. É o discurso metacultural de Freud, na medida em que focaliza não apenas aspectos isolados da cultura, mas ela mesma como um todo, como o grande Outro. Em *O Mal-Estar da Civilização*, Freud (1930) situa a origem do mal-estar fora dos indivíduos, na cultura, com suas exigências excessivas de renúncia das pulsões de seus membros.

Vejamos as falas das participantes quanto às suas percepções das mudanças corporais, face às exigências da sociedade contemporânea:

“Para mim o envelhecer está muito tranquilo, o processo físico também. No grupo de amigas que eu tenho as meninas dizem Hera pinta esse cabelo, você está entregando a gente. Eu digo: pense que o problema não é meu! (risos) E eu me sinto hoje liberta, sabe? De tá na minha idade e de não ter problemas com questões de rugas e outras coisas. Eu quero é minhas rugas (risos). O meu corpo também não está me incomodando, mas a pressão social para ficar num padrão é tão grande que eu comecei a não querer sair mais com aquelas pessoas. Saímos para jantar, a pessoa pede uma massa, e depois fica dizendo: “ai, meu Deus quanta caloria!” -Hera.

Afrodite ponderou:

“...gente, que sociedade a gente está vivendo com esses parâmetros de estética tão marcados? que quem não aderir a esse tipo de parâmetro, fica completamente deslocada? Como você não pinta seu cabelo? Como você não coloca Botox ou faz isso ou aquilo?” A gente termina ficando como sendo um ET. Infelizmente a gente está vivendo uma sociedade mais do cancelamento do que da aceitação. Por que não posso aceitar uma pessoa que queira ou não fazer um procedimento estético?”.

Acrescentou Ártemis:

“Às vezes eu saio com as minhas amigas e a minha sobrinha: “- Tia, todas as suas amigas têm Botox (gargalhada coletiva) – “Você não vai fazer não?” Eu disse que não vou fazer ainda. Eu não tinha notado que elas tinham Botox, e como eu cheguei aos 56 e não tenho Botox?”.

Na voz de Atena:

“Essa semana mesmo, aconteceu no meu trabalho. Uma dermatologista que trabalha com estética, disse para mim: “olha fazer algum procedimento estético não significa que a pessoa seja fútil não tá?” (risos). Mas eu disse pra ela que era apenas uma questão de escolha mesmo. Como você se sente confortável ou não com as marcas no corpo da passagem do tempo. Algumas pessoas vão se sentir melhor ao olhar para o espelho e estar feliz com aquilo que está sendo refletido ali. Mas eu achei engraçado ela marcar o lugar da não futilidade das pessoas que optam por aderir a procedimentos estéticos. Ok, é uma questão de escolha apenas.”.

Em *O Mal-Estar da Civilização*, Freud (1930) desenvolve reflexões que levam em consideração as exigências impostas pela civilização, concluindo que a civilização e o psiquismo, tal como estão constituídos, tornam a meta da felicidade algo inalcançável.

Fato é que vivermos numa sociedade que investe na construção e valorização da imagem da velhice associada à necessidade de consumo de cremes antirrugas, cabelos pintados, procedimentos estéticos de toda natureza que visam impedir, ou ao menos minimizar, os efeitos físicos da idade. O consumo da indústria do “belo” passa a ser uma condição de aceitação do sujeito na esfera social e, aquelas que se opõem a aderir são, muitas vezes, consideradas como descuidadas e envelhecidas. Assim sendo, podemos pensar que a velhice é um produto de diferentes discursos que, na cultura ocidental, demandam do sujeito que procure se moldar àquilo que se espera dela. Em outras palavras, espera-se que pessoas

mais velhas empreendam esforços para se sujeitarem aos discursos do Outro social (Mucida, 2018).

Todavia, o que percebemos nas falas de Hera, Afrodite, Ártemis e Atena é um movimento dissonante daquele estabelecido e esperado das mulheres na envelhescência. As quatro participantes mostraram-se avessas a seguir normas padronizadas e generalizantes quanto à estética dos seus corpos. Podemos depreender que, no caso das participantes, os valores atribuídos pela sociedade à imagem do sujeito ideal, não se configuram como um mecanismo modelador da subjetividade dessas mulheres. Elas parecem investir naquilo que não se globaliza, naquilo que as constitui como sujeitos únicos, buscando fazer novas inserções a partir das suas particularidades, apostando mais nas suas potencialidades, em detrimento daquilo que se impõe como universal e uniforme.

Questão que surgiu ao longo da análise dos discursos, e para a qual não obtivemos resposta no presente trabalho, é saber se esse movimento avesso à padronização estética, a luta pela não aceitação do envelhecimento, está ou não relacionado à condição de lésbicas dessas mulheres. Ainda que pareça um ser tema estigmatizante e preconceituoso, pode vir a ser objeto de estudo futuro, tendo como justificativa a importância de se conhecer como incide o apelo social de adesão à tirania das ideias de beleza, no processo de subjetivação de mulheres lésbicas, e como a psicanálise pode investir esforços na busca da compreensão desses fenômenos face a possíveis dilemas e sofrimentos psíquicos.

Deixemos esse tema em aberto, como sugestão para pesquisas futuras, e retomemos às análises dos discursos das nossas participantes, agora procurando refletir sobre como mulheres lésbicas, numa faixa etária que representa o fim do período reprodutivo, lidam com a não-maternidade.

Diz, Hera: “A questão de não ter filhos é difícil até para quem é heterossexual, mas eu não teria filhos mesmo não sendo homossexual.”.

Atena: “Ter tido uma filha foi a melhor coisa que me aconteceu. Mas não digo que seja fácil ainda mais vivendo relações homoafetivas.”.

Deméter acrescentou:

“Isso nunca foi um peso para mim não. Existem muitas opções, outras opções como a adoção por exemplo. Então a chegada da idade não é um impeditivo. Nós já chegamos a conversar sobre a opção de congelar óvulos, mas existem outras crianças que também precisam de mães.”.

Afrodite disse:

“...já teve época lá atrás que eu pensei em ter filho, e depois, estava chegando o limite da idade, e eu pensava: eu acho que quero, mas não quero agora, e vai passando o tempo e você não percebe.”.

Segundo Soares (2020), para a Antropologia, o nascimento de uma pessoa é organizado em esquema de parentesco que segue uma lógica de filiação. É a filiação, enquanto regra social, que define o pertencimento do sujeito a um grupo. Portanto, trata-se de um elo simbólico dado culturalmente através do reconhecimento social. Sabemos da luta que casais homoafetivos enfrentam para ver assegurados seus direitos, inclusive o de ter filhos, constituírem uma família, e serem reconhecidos como entidade familiar tal qual uma família heterossexual.

O que podemos extrair das falas das participantes foi que a questão da maternidade não aparece de forma unânime. Há quem não queria a maternidade, mesmo se fosse heterossexual (Hera); há quem é mãe e reconhece isso como algo enriquecedor na sua existência (Atena); há quem ainda pense na maternidade, ainda que por via da adoção (Deméter); e há quem já pensou um dia, mas desistiu da ideia com a passagem do tempo (Afrodite). Portanto, o que se percebe de traço comum na fala das participantes é que não há um consenso quanto às implicações da maternidade na meia-idade; em nenhuma das escolhas

parece haver algum resquício de sofrimento diante das escolhas feitas. Talvez haja um rasgo de dúvida na fala de Afrodite, quando dá a entender que protelou a decisão até o “limite da idade”, mas isso fica por conta do não dito.

Outras questões abordadas foram o climatério e a menopausa. As participantes se manifestaram da seguinte forma:

Atena: “Sabe como eu vejo isso? Atravessei o cabo da boa esperança” (risos coletivos).

Para Hera:

“Nesta questão a única coisa que eu tinha medo era a questão dos hormônios desregulados, e eu tinha medo de que isso destemperasse a minha relação com a minha companheira. Então, quando eu fiz histerectomia, foi o céu da minha vida. Porque eu não tinha a intensão de ter filhos, então, ótimo.”.

Ártemis acrescentou:

“Essa questão do climatério e da menopausa vai influenciar no relacionamento, tem mulheres que falam para mim: “eu tenho preguiça”, aquela história: se satisfaça, mas não me acorde! (risos coletivos). Já escutei isso várias vezes, e não é porque ela deixou de gostar dele ou dela, mas está cansada, tem o estresse, quer dormir...isso não interfere. As prioridades mudaram.”.

Segundo Albuquerque et.al (2021), a menopausa é um evento biológico na vida da mulher, um fenômeno fisiológico e inevitável, que está relacionado à perda da atividade folicular ovariana, com conseqüente redução dos níveis de estradiol, que ocorre no período conhecido como climatério. Assim, o climatério é uma fase de transição feminina que marca o fim do período reprodutivo para o não-reprodutivo e, geralmente, acontece a partir dos 40 anos de idade. Inicia-se antes da menopausa e vai até a senectude. Em razão das alterações hormonais que ocorrem no climatério e perduram durante a menopausa, as mulheres

costumam sentir vários sintomas que vão desde alterações no ciclo menstrual, ondas de calor (fogachos), sudorese, fadiga, alterações de humor e sono, ressecamento vaginal, diminuição da libido, perda de massa óssea, entre outros.

Para além dos efeitos e desconfortos biofisiológicos nas mulheres de meia-idade, a menopausa pode ser considerada como o início do fim da sexualidade na velhice, ao menos no imaginário popular ela é vista assim, diz Mucida (2018). Neste sentido, o climatério e a menopausa representam significantes que incidem sobre as mulheres, sendo também um fato social. Infelizmente, o discurso médico e reducionista muitas vezes se referiu às mulheres menopausadas como um sujeito frágil, apático, dessexualizado, desconsiderando totalmente o sujeito que habita em cada mulher, tratando-as de maneira uniforme. Como bem colocado por Mucida (2018) “A partir do momento em que a doença é nomeada, ela passa a existir no espaço simbólico com toda a efetividade do discurso.” (Mucida, 2018, p.163). Prossegue a autora, alertando que toda prescrição médica deveria antes atentar-se para o sujeito que existe naquele corpo menopausado.

Partindo-se da premissa de que a Psicanálise compreende “corpo” como o entrelaçamento do real, imaginário e simbólico, temos que o corpo é atravessado pelos significantes que vêm do Outro. Portanto, o sujeito tem um corpo constituído por determinada imagem para além daquela refletida no espelho. Neste sentido, tanto o climatério, quanto a menopausa, não devem ser interpretados apenas como algo natural, posto que estão impregnados de inúmeros significantes que incidem sobre o sujeito de maneira singular. (Mucida, 2018).

Feitas essas ponderações iniciais, podemos dar azo à análise dos discursos das participantes com relação às suas percepções sobre climatério e menopausa. Vale considerar que, para além dos efeitos hormonais no corpo, há a natureza das relações, e numa cultura machista, é fácil imputar às mulheres menopausadas a redução da libido e a consequente

diminuição da frequência das relações sexuais, culpabilizando-as pela fragilidade relacional. Da mesma forma, considerando que somos atravessados por significantes advindos do Outro, mulheres menopausadas, sejam heterossexuais ou homossexuais, parecem atribuir a ausência de libido ou a descompensação de humor como decorrência direta da menopausa, assimilando assim, o discurso social arraigado e difundido, culpabilizando-se muitas vezes, sem questionarem a condição relacional em que vivem.

Contrariando essa lógica, Atena diz: “Sabe como eu vejo isso? Atravessei o cabo da boa esperança”. Vê-se que a menopausa, apesar de exigir, como outras transformações da vida, um processo de luto seguido por uma adaptação, trouxe um cunho de liberdade à condição de mulher menopausada. Não dando nenhum enfoque às questões ligadas aos males físicos advindos da sintomatologia do climatério, demonstrando que, contrariamente ao senso do discurso médico, cada sujeito reage de maneira particular a este momento do desenvolvimento humano. Neste sentido, Mucida (2018) aponta que:

“A menopausa pode ser para algumas mulheres a vivência da perda fálica (queda das insígnias da sedução) ou a perda da possibilidade de ser mãe, para outras pode representar, um certo alívio e possibilidade de viverem a sexualidade sem o fantasma da maternidade.” (Mucida, 2018, p. 161).

Portanto, cada processo de envelhecimento é único e as alterações decorrentes só dizem algo se forem significadas pelo sujeito de maneira individual. Neste sentido, a envelhescência se apresenta como uma possibilidade do sujeito de ressignificar sua própria história, de maneira a tentar lidar com o descompasso do corpo, que padece com a passagem do tempo e o inconsciente atemporal, que não envelhece.

## Desejo e Sexualidade

Soares (2012), ao analisar o desejo na envelhescência, propõe que se pense na relação do corpo com o desejo, introduzindo a ideia de atemporalidade no ser desejante e levantando a questão de se buscar saber qual o lugar do desejo no corpo envelhecete? A autora aponta para o descompasso que há entre o declínio da aparência física e o desejo que não envelhece. Essas posições antagônicas, podem gerar certa angústia no sujeito quando o “ego perde a capacidade de dominar a tensão psíquica; e, muitas vezes, na premência de um ajuste, o que se anula é o direito de desejar.” (Soares, 2012, p.74). Prossegue a autora, no sentido de que, diante do distanciamento entre a imagem refletida no espelho e a figura que antes era reconhecida como a representação de si mesmo, vai sendo produzido um estranhamento.

Segundo relato de Gaia:

“Claro que a parte física conta, a gente não responde mais do mesmo jeito, a gente quer fazer uma coisa e o corpo já não está respondendo como há 10 anos atrás. Não é porque eu tenho tantos anos que não posso vestir tal coisa, não posso ir a tal lugar, não posso me misturar com pessoas mais novas, não posso desejar as coisas e as pessoas como antes.”.

Em uma perspectiva psicanalítica, o sujeito é o sujeito do desejo estabelecido a partir do conceito de inconsciente, caracterizado e movido pela falta. Considerando que o inconsciente é uma instância psíquica que não envelhece, e que está em completa dissonância com o corpo que padece dos efeitos implacáveis do tempo, o aparelho psíquico se vê compelido a manter a continuidade do fluxo de investimento interno e as trocas com o meio externo. Assim sendo, se a sexualidade já não mobiliza mais como no passado, faz-se necessário buscar vias sublimatórias, a fim de manter o fluxo do investimento para fora do corpo. Sendo assim, a sublimação surge para dar conta do impulso sexual, ou seja, por meio

da sublimação as forças das energias sexuais são convertidas em forças produtivas e criadoras, apaziguando as forças avassaladoras da energia sexual. Neste sentido, Deméter diz:

“Posso falar, eu acho que existem momentos bem definidos. Pelo menos no meu caso, acho que há 15 anos atrás, nos meus 25 tinha a coisa muito evidente do desejo. O desejo estava atrelado ao desejo sexual que se não tivesse, não funcionava. E aí, com o tempo, você vai tendo outros valores. A gente vai olhando de outra forma, porque aquilo ali eu já tenho, e com o tempo vai entrando o companheirismo, a alegria, a troca, acho que eles são complementares. Mas existe um momento que um prevalece, hoje eu estou no amor que é alegria, troca, que é enquanto você está sorrindo. Mas também não dispense o desejo. Já teve uma época que o desejo sexual tinha um peso maior, hoje outros valores tem um espaço maior.”.

Hera ratifica o pensamento de Mucida (2018), no sentido de que, na envelhescência, o desejo encontra diversas maneiras de inscrição nas relações, vejamos:

“No meu entendimento, sexo e desejo já foram uma coisa única, quando eu desejava uma pessoa, eu já desejava o sexo com ela. Hoje, na meia-idade, sexo e desejo são coisas diferentes. Hoje o sexo não tem peso nenhum na minha vida, mas o desejo de estar, de ter aquela pessoa perto de mim, da gente trocar carícias, o sexo pode vir ou não. Também se não vier, não faz diferença nenhuma no processo. Quantas vezes dormimos nuas, de conchinha e isso era tudo o que queríamos? Mas no início, as duas coisas se confundiam, eram uma coisa só. Mas chega uma hora que a coisa dissocia.”.

Contudo, o discurso vigente na contemporaneidade vangloria o desempenho sexual, demonstrações fálicas, sexualidade ilimitada e com garantia de gozo certo. Por isso, muitas vezes, a sexualidade nas pessoas mais velhas passa a ser vista como um motivo de piada e ridicularização, além da desqualificação do outro diante de suposta impotência fálica ou ausência de desejo.

Neste sentido, pontua Atena:

“Eu acho um pouco complicado. Eu atendo um cara, homossexual de 66 anos e recém separado de um casamento de longos anos. E como ele ainda tinha muito desejo sexual, ele entra nos aplicativos e mente a sua idade. Ele diz que deseja muito, que quer muito ter sexo, mas se ele disser a idade verdadeira, ninguém vai procurar por ele e vai ser motivo de chacota. Mas ele ainda sente desejo sexual de forma intensa. Independente de homossexualidade ou heterossexualidade o que eu vejo é que a sociedade tem certa dificuldade em aceitar que pessoas de mais idade têm desejos sexuais ativos. Fica uma ideia que pelo fato da pessoa ser mais velha a sexualidade fica apagada, não existe ou não vai dar conta. Novamente eu digo que acho que são processos individuais...”.

Acrescentou Hera:

“...tem mulheres lésbicas que apesar de terem passado dos 40 estão ali na pista, prontas pra pegação. Acho até legal. Mas em mim, eu presto mais atenção no desejo, porque na hora que eu não mais desejar estar ao lado da pessoa que está comigo, não desejar tê-la perto de mim, não desejar trocar com ela, aí...eu acho que tem um problema, mas se vai ou não rolar sexo, não me preocupa.”.

Depreende-se, portanto, que no mundo contemporâneo, a noção de um corpo erotizado e desejante anda amalgamada à condição de jovialidade e desempenho. Neste sentido, a menopausa, as modificações corporais, bem como as mudanças de desempenho sexual “exigem, como outras perdas ou modificações, um trabalho de luto, porque tocam diretamente naquilo que toda sexualidade expõe ao ser falante: a realidade do inconsciente.” (Mucida, 2018, p.161).

Ainda, cabe ressaltar que esses significantes não têm significados por si sós, ou seja, passam a assumir um sentido a partir da cadeia de significados construídos pelo sujeito.

Logo, a percepção do próprio corpo, bem como a compreensão daquilo que se denomina desejo, pode ou não constituir uma fonte de sofrimento psíquico para o sujeito, a depender de como esse sujeito vem se subjetivando diante do Outro.

Assim sendo, a ausência do desejo ou de relações sexuais não decorrem diretamente da idade, pois, como apontado por Freud (1905), a sexualidade adulta é a sexualidade infantil, e seus traços não se apagam, apesar da idade cronológica. Desta forma, na envelhescência a sexualidade acha outros caminhos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras formas de inscrição. (Mucida, 2018).

Todavia, há que se ressaltar o que pontua Palonsky (1997) quanto à estrutura do desejo, como algo que está sempre mediado pelo desejo do Outro. A autora afirma que no processo de constituição do sujeito, a criança ao nascer vai ocupar o lugar do falo da mãe e, neste sentido, será aquilo que tornará a mãe completa, em razão da fusão mãe e criança. Nesse momento, a criança se identifica com aquilo que acredita ser o objeto de desejo da mãe, passando a ser tudo o que a mãe deseja. A estrutura mãe/criança é abalada quando surge na mãe a possibilidade de um desejo para além do filho. O pai surge na relação como aquele para o qual o desejo da mãe é direcionado, e a criança percebe que ele não é tudo o que a mãe quer. A função paterna, portanto, vem a indicar que o desejo da mãe transcende a relação mãe/filho. Em um segundo momento, a criança se dá conta de que o desejo da mãe não é o falo que o pai possui, no sentido concreto. O que a mãe deseja é o desejo do pai. Diz a autora: “neste ponto, teríamos o estabelecimento do desejo como desejo de desejo, como desejo que nunca pode ser realizado, uma vez que está estruturado em função de uma falta” (Palonsky, 1997, p. 38).

Partindo da premissa de que vivemos em uma sociedade na qual o desempenho sexual e o desejo incessante por uma sexualidade sempre ativa são vistos como imperativos nas relações, ao nos depararmos com o desejo sexual que se arrefece, o sujeito, muitas vezes, silencia, a fim de não revelar ao Outro o incômodo de sua inadequação e do estranhamento que

lhe acomete. Soma-se a isso a constatação do deslocamento do desejo, para além do desejar - desejar. Eis aqui possíveis fontes de sofrimento psíquico para vários sujeitos. Vejamos as seguintes falas:

Afrodite falou:

“Pensando agora, num primeiro momento foi esquisito. Apesar de continuar a desejar minha esposa, sexualmente falando, ficou diferente. Ela gosta de se sentir desejada, ainda mantém um quê de sedução (risos), mas eu deixei de colocar esforços para que ela me deseje fisicamente e sexualmente. Sei que ela me ama e isso me basta, é claro que se o sexo rolar vai ser bom, mas temos outras prioridades agora. Nosso desejo sexual se transformou em desejo de viajar por exemplo...”.

Por sua vez, Hera:

“Quando essa diferença em querer sexo começou a acontecer comigo e com a minha esposa, num primeiro momento houve o silêncio. Depois o silêncio sobre o assunto começou a incomodar, a ecoar, até que chegamos a uma conclusão de que esse assunto precisaria ser conversado entre nós. Conversamos e tudo bem.”. Atena, pondera: “Eu acho que existe um silêncio que cala e o silêncio que fala. Qual o silêncio que você está vivenciando? É o que cala ou o que fala?”.

Por todo o exposto, apesar de desejo e sexualidade, muitas vezes, não significarem mais aquilo que já representaram no passado, pessoas na envelhecimento podem encontrar maneiras de sublimar o desejo, transformando as energias sexuais em forças criadoras e produtivas, cada um à sua maneira, diante da singularidade que constitui cada sujeito. Mais uma vez, conforme os ensinamentos de Mucida (2018), o desejo não envelhece, nem deixa de existir.

## Perspectivas Futuras

Teixeira et al. (2015) apontam para a relação direta que aparece entre o processo de envelhecimento do sujeito e a representação que uma determinada cultura institui sobre o envelhecer. Os autores suscitam o caráter estigmatizante do envelhecimento na contemporaneidade, pontuando que a representação da velhice, enquanto “um problema social”, pode constituir fonte de sofrimento psíquico para muitas pessoas. Os autores apresentam, em suas pesquisas, a velhice como um construto social, na medida em que são diversos os aspectos que influenciam o estilo de vida e a autopercepção da envelhescência, configurando-se como a integração de experiências individuais e o contexto sociocultural no qual está inserida (Teixeira et al., 2015).

Como se tem dito ao longo deste trabalho, em uma sociedade onde se presencia, cotidianamente, o preconceito voltado às pessoas idosas, ou em processo de envelhecimento, que vai desde violência física até um “simples” xingamento na rua. Isso faz com que esse período do desenvolvimento humano seja marcado por vivências depreciativas, que fulminam a autoestima e reforçam o caráter cruel com que esse grupo de pessoas é socialmente tratado. Soma-se à essa condição, o fato de serem mulheres e homossexuais, o que de *per si* já se apresenta como condição discriminatória em uma sociedade marcada por valores e crenças arraigadas em uma moralidade preconceituosa e excludente.

Araújo & Gomes (2021) contribuem ao afirmarem que “a junção das visões de declínios da velhice, com a de erro/desvio da homossexualidade, contribui para que os idosos LGBTQ+ vivenciem um processo de invisibilidade social” (Araújo & Gomes, 2021, p.115).

Os autores apontam algumas pesquisas que trazem em comum a percepção dos aspectos negativos associados à condição de homovelhices, incluindo a própria população LGBTQIAP+. Ou seja, ainda está presente no imaginário social da população brasileira os

estereótipos estigmatizantes e pessimistas com relação ao futuro das homovelhices” (Araújo & Gomes, 2021).

Ártemis aponta para um destino que parece estar fadado ao idoso: lidar com o desamparo existencial face ao inevitável da vida. Para Ártemis, as redes de apoio minimizam essa condição. Vejamos:

“Eu acho que todo mundo vai envelhecendo junto. Hoje a gente está aqui, mas daqui a 5 anos vamos estar com mais idade, e o apoio dos amigos, nem digo muito da família, mas dos amigos tendem a ter mais participação do que a própria família. Porque a gente está numa geração que boa parte da família está abaixo de nós, são mais novos, e os mais velhos estão indo né? As nossas referências de cuidados para conosco já foram.”.

Mucida (2018) diz que na velhice, o infantil persiste sob a pena do desamparo, do perigo da perda, da angústia em relação ao desejo do Outro e ao seu próprio desejo. É na velhice que algumas pessoas vivenciam o seu desamparo de maneira mais aguçada. É quando o desamparo é percebido como uma realidade posta, e com a qual o sujeito precisa lidar. (Mucida, 2018). Se no início da vida, houve um investimento dos pais no bebê como um sujeito que vislumbra o futuro, e pelo qual vale à pena apostar, no idoso a atitude é oposta. Diante da finitude da vida, não há nada a se apostar. E é justamente esta falta de aposta, sentida como uma menos valia, que se revela uma das fontes de sofrimento psíquico do idoso.

O próprio Freud tinha verdadeiro horror à velhice, e em carta escrita à psicanalista Lou-Andreas Salomé, em 1936, aos 80 anos de idade, teria dito que não conseguia se habituar às misérias e aos desamparos da velhice, e que encarava com nostalgia a sua passagem para o nada (Mucida, 2018).

Na envelhescência, como dito por Ártemis, o sujeito não ocupa um lugar de escanteio. Ainda é reconhecido e considerado por seus parentes, mas sente-se desamparado na medida que seus referenciais de cuidados já não estão presentes. O sujeito então, vê-se no lugar de cuidador da geração vindoura, enquanto permanece ciente do destino que lhe aguarda.

Portanto, ao se encarar a velhice como destino irremediável de cada um, a envelhescência passa a configurar um momento único para repensar, reconstruir e ressignificar a forma como cada um pretende viver a velhice, para além da hegemonia dos discursos médicos.

Neste sentido, Soares (2020) traz como proposta uma compreensão mais abrangente da envelhescência, no sentido de que ela deve ser compreendida como um trabalho psíquico “necessário para recriar uma experiência – a de viver a velhice” (Soares, 2020, p.19).

Assim sendo, no sentido psicanalítico, a envelhescência é um trabalho psíquico necessário para reelaborar e recriar a vivência do tornar-se velho. Em outras palavras, “é um tempo psíquico de rever a história pessoal, dentro de um contexto histórico mais amplo” (Soares, 2020, p.19).

Portanto, pensar na envelhescência dentro de um contexto clínico, nos remete a processos de perlaborações que, de acordo com os ensinamentos de Resende (1999), como visto neste trabalho quando tratamos da atemporalidade do Inconsciente, podem ser de grande valia para se viver a velhice.

Outro aspecto pontuado pelas participantes, e que se configura como de suma importância, diz respeito às redes de apoio. Se o desamparo é algo que está presente do início ao fim da vida, eis que é constitutivo do sujeito, ao contrário, a dependência atualiza-se na velhice (Soares, 2020).

Neste ponto, parece que a condição de envelhescência associada à homoafetividade, ganha um impacto ainda maior. Disse Ártemis:

“A gente é que vai ter que cuidar uma das outras. Então sob o ponto de vista, Graças a Deus, a gente aqui está com estabilidade no emprego, então a gente vai ter condições de nos manter em algum lugar. Existem hoje muitas casas de idosos que você pode até fazer casas compartilhadas já tenho visto muito isso na internet. Se a gente pensasse um pouquinho mais, a gente já estaria pensando em fazer isso. Uma casa aqui, outra ali, outra acolá..., mas a gente sempre deixa para depois o que poderia estar fazendo agora.”.

A fala de Ártemis coaduna com a de Gaia:

“Eu penso nessa rede de apoio como família e amigos, mas hoje em dia tem muitas opções de clínicas. O que eu imagino no sentido de apoiar essas mulheres que também são homossexuais e que não tem o privilégio de ter seu salário garantido todos os meses, é de tentar incentivar os estudos de mulheres mais novas que seguem essa opção para que elas não fiquem dependente dos outros.”.

Ainda contribuiu Afrodite:

Amigos e família que é o que a gente tem hoje. Mas com a idade chegando, vai saindo uma, depois outra e assim vai...Com isso, o grupo amigo/família vai diminuindo até o ponto que vai chegar a última. Alguém tem que ficar para apagar a luz. A nossa rede de apoio vai diminuindo e se tiver duas ou três e sendo dependentes de cuidados, não vai ser sobrinho, filho, neto que vai cuidar. Não temos esse apoio. Talvez tenha que se pensar em coisas culturais como estruturas que já existem nos Estados Unidos, uma unidade de abrigo para idosos onde você paga pelos cuidados. Se você tiver uma dependência como um Alzheimer quem vai administrar o seu dinheiro para garantir sua estadia e cuidados ali? Então, esse último que ficar para apagar a luz, vai estar em maus lençóis. Então é preciso deixar de viver como se o tempo não tivesse passando e pensar em coisas como essas.”.

Partindo da premissa de que homovelhices sofrem com estigmas e discriminações de toda natureza, Rebellato et al. (2021) ressaltam que, por este motivo, costumam apresentar uma rede de apoio social menor em comparação ao envelhecimento heterossexual.

Depreende-se da fala das participantes que família e amigos são os pontos de apoio para essas mulheres. Mas, que elas também contam com a possibilidade futura de receberem apoio externo de clínicas especializadas e, como recentemente têm aparecido, casas compartilhadas por pessoas idosas, o que mostra certa flexibilidade em relação às velhices heterossexuais, em que comumente, algum membro do núcleo familiar fica incumbido de exercer os cuidados para com o idoso, situação essa, não raro, se apresentando como fonte de sofrimento psíquico para ambos.

Podemos pensar, ainda, que há um não dito na fala dessas mulheres que está para além do desamparo: o receio da solidão. A necessidade de viver em comunidade, de sentir-se integrante e pertencente a algo, são aspectos que influenciam na maneira como o sujeito se enxerga, e como percebe-se visto pelo Outro.

Segundo Rebellato et al. (2021), espaços de convivência otimizam a autonomia e independência e, de certa maneira, propiciam um envelhecer mais saudável. Todavia, as participantes pontuaram uma questão de suma importância quando pensamos em espaços como estes, que é o poder aquisitivo.

Vivemos em uma sociedade onde o idoso é colocado à margem e, não raro, é visto como um sem-valia e um peso social. As participantes, ao trazerem a condição socioeconômica delas, demonstraram que pertencem a uma classe privilegiada, onde pensar em caminhos alternativos é uma possibilidade. Todavia, estão cientes de que, infelizmente, essa não é a realidade que abarca a maioria das homovelhices femininas, o que se configura como um problema social que não pode passar despercebido pela sociedade brasileira.

A questão social volta a ser tema de preocupação central nas falas de outras participantes:

“O terceiro setor poderia aparecer como uma rede de suporte às mulheres que são homossexuais e idosas, quando elas não mais tiverem condições de autossustentar-se. Porque o poder público não fará isso. As amarrações políticas com questões de religiosidade são muito fortes, acho difícil. Imagina um casal aqui entre nós chegando num residencial para idosos dizendo: nós somos um casal e queremos ficar juntas neste lugar... (silêncio entre as participantes). Sabemos que hoje isso não seria possível. Mas acho o terceiro setor uma via.” – Hera.

Acrescentou Deméter:

“É como a Hera disse, se esperar do governo não vai ter. Ainda mais com os mandamentos religiosos envolvidos na questão. A homofobia ainda é muito forte, então a mulher homossexual e idosa precisando de ajuda do governo, olha que confusão? Olha a dificuldade disso. A homofobia que é um discurso de ódio camuflado num mandamento religioso, é isso!”.

Gaia pontuou:

“E isso é porque não tem negras aqui hein? Porque se você imaginar mulheres idosas, homossexuais, negras e pertencentes a uma classe social baixa. Já seria ainda uma outra fonte de preconceitos.”.

É fato que o aumento da perspectiva de vida da população é uma realidade no contexto brasileiro e pode ser percebida tanto nas demandas sociais, quanto nas questões de saúde pública e, especialmente, nas questões previdenciárias. Estamos, pois, diante de uma sociedade que, nos próximos anos, se tornará uma sociedade basicamente senil. Sem adentrar nas causas ensejadoras dessa nova realidade, eis que não é objeto de estudo do presente trabalho discutir tais questões, tomemos essa realidade como um fato que precisa ser visto,

pensado, admitido e discutido. Sob pena de se tornar, conforme nos alerta Cordeiro et al. (2021, p. 187): “uma sociedade que habitará e orbitará uma espécie de transtorno esquizoide social no qual a vida vivida estará estrategicamente descolada da vida simbolizada ou representada”.

Ademais, a intolerância à diferença é uma marca na sociedade brasileira, desde os tempos de outrora, onde os negros escravizados eram privados de seus direitos humanos básicos e, infelizmente, ainda trazemos reminiscências de tais atrocidades estampadas diariamente nas mídias. Gaia pontua para este aspecto, quando traz à tona a situação do envelhecimento de mulheres homossexuais negras e pobres. Resta-nos lidar com angústia, para não dizer revolta, diante do que nos revela a realidade dessas mulheres, que sofrem com tantos preconceitos e desamparos.

Como um rasgo de esperança, Deméter trouxe: “Pelo menos hoje a gente criminalizou a homofobia né?”.

Ao que acrescentou Atena:

“Sim, criminalizamos. Mas, a minha percepção é que a gente está numa geração de transição, entre pessoas que ainda estão muito arraigadas nesses pensamentos e outra que vai lidando com mais leveza. Mas ainda assim, eu acho que ainda vai levar um tempo, gerações ainda para que isso comece a ser naturalizado. O que eu quero dizer é que questões sociais vão se modificando de maneira lenta, quando outros e novos conceitos vão sendo inseridos na sociedade. Então, eles precisam ser colocados e assimilados na vida e não apenas por meio dos movimentos. E dessa maneira as gerações vão mudando. Aquela geração mais preconceituosa vai morrendo, uma outra mais aberta vai surgindo e aí as coisas vão transitando de uma forma diferente. A geração da minha filha já é uma geração mais aberta que a nossa e ainda mais aberta

que a da minha mãe. Para vocês terem uma ideia olha a frase da minha mãe: “eu prefiro ter uma filha puta do que uma filha sapatão.” Olha só a frase!...

Deméter reforçou:

“E é silencioso mesmo, de repente criminaliza o feminicídio, de repente a omissão do legislativo leva o poder judiciário a colocar a homofobia dentro de gênero racismo, precisava fazer alguma coisa e não é de uma hora para outra, existe uma luta silenciosa, uma luta fria.”.

Hera, por sua vez, apresentou contra-argumento:

“Mas Atena, a gente tem que entender que hoje as coisas só estão assim sem tantas opressões quanto no passado porque teve um processo de luta antes. Olha, direito de mulher, direito de LGBT, direito de negros e direito de deficientes são processos de conquistas, agora direito de homens não morrem nunca.” – Hera.

Como bem-posto por Rebellato et al. (2021) “O processo de evolução da ciência e do respaldo jurídico não tem sido suficiente para a mudança de comportamento da população, uma vez que a transformação social requer tempo e acontece a partir de vivências e ressignificações de conceitos.” (Rebellato et al. 2021, p.17). Por sua vez, se a condição socioeconômica das participantes se apresenta como um certo privilégio, que as coloca numa posição mais confortável do que a maioria das mulheres homossexuais, por outro lado, a condição de envelhecimento a todas aproxima.

Disse Hera:

“Eu ainda vou mais além, a nossa geração e a nossa condição socioeconômica temos condições de dizer somos lésbicas e dane-se quem não gostar, quem paga minhas contas sou eu. Mas esse lugar nos coloca em acomodação frente a luta pelos direitos homossexuais. Porque já nos sentimos tranquilas. Só que na nossa velhice, nós vamos precisar de pessoas mais jovens que sejam enfermeiras lésbicas, enfermeiros gays,

auxiliares, médicos que nos entendam e nos respeitem de acordo com as nossas formas de vida e nos respeitem. As pessoas mesmo no nosso meio dizem que hoje em dia tudo é LGBT, mas eu acho que é importante sim reforçar isso porque isso precisa ser naturalizado. Ou seja, lá na frente, as pessoas que vão cuidar de nós precisam nos aceitar. Senão, ou vão criar casas específicas para LGBT ou ficaremos desamparadas. Por isso que eu acho que a rede de apoio não é só o nosso mundo, precisamos naturalizar a nossa condição. Hoje, no local em que minha mãe está, pode até ter alguma mulher lésbica, mas ela não pode nem dizer. Tem que ficar com aquilo guardado porque parece que o idoso só precisa rezar.” (risos).

As palavras de Hera parecem nos convocar, enquanto cidadãos, para o caráter multifacetado da questão das homovelhices. Para além da psicologia, é preciso nos despirmos de valores fundamentalistas, do preconceito estrutural, da discriminação e violência. Para poder dar voz e reconhecimento às homovelhices. Como bem dito por Rebellato et al. 2021: “Falar da desigualdade imposta às velhices LGBTI+ é se deparar com a desigualdade e as vulnerabilidades sociais numa sociedade com discurso simplista de que “somos todos iguais”. Na verdade, não somos!” (p.21).

Pensando nas perspectivas futuras que aguardam essas mulheres, buscamos compreender como elas projetam suas velhices, para além da envelhescência. O que esperam para o futuro, no qual residem suas esperanças e desafios. Vejamos, a síntese de Deméter:

“...a insegurança de chegar lá na frente sozinha, solitária, hoje eu não penso nisso. Eu penso a gente vivenciando uma velhice caminhando, buscando e conquistando viver cada fase dentro do que é possível, mesmo havendo limitações. Dá para ser pleno, dá para ser feliz e conviver com os seus da mesma forma.”.

Deméter aponta para uma perspectiva do futuro otimista, em contraponto à visão freudiana e socialmente difundida de que, ao velho, outro destino não está reservado a não ser

lidar com a decrepitude do corpo, com desamparo, com perdas e lutos, enquanto aguarda a chegada da morte.

A fala da participante encontra respaldo nos ensinamentos de Berlinck (2000), quando este afirma que a vivência da velhice pode ser transformada a partir de uma experiência criativa da envelhescência que aponte para uma saída sublimatória na velhice. Em outras palavras, a maneira como o sujeito vivencia a sua envelhescência pode subverter as noções de que a velhice é uma fase destinada ao declínio e finitudes.

Desta feita, a envelhescência, tal como a analisamos, configura-se então como uma espécie de rito de passagem, sem uma definição clara do seu início, e que ocorre de maneira particular para cada sujeito. Segundo Soares (2020), o que vai tornar a experiência da velhice algo singular, serão os recursos psíquicos adquiridos ao longo da vida, e que, nesta fase do desenvolvimento, atuam como capital simbólico que dará suporte para a realização de um trabalho psíquico. Portanto, nas palavras de Soares (2020): “Há que se construir a velhice durante a vida.” (p.90). Todavia, prossegue a autora, mesmo que esses recursos psíquicos, exercitados no decorrer da vida, se configurem eficazes, na velhice não há garantia de sua manutenção.

## Considerações Finais

*“Na velhice os passos são lentos, porque o velho  
carrega uma criança, um jovem e um adulto na  
própria história”!  
(Davi Roballo.)*

O presente trabalho foi realizado com o objetivo de compreender como mulheres LGBTQIAP+, entre 40 a 56 anos de idade, têm percebido e vivenciado o envelhecimento e se este processo tem se configurado como fonte de sofrimento psíquico para elas. Bem como, buscou-se saber quais os desafios que essas mulheres têm enfrentado no decorrer deste processo.

Considerando que as homovelhices são uma temática ainda pouco explorada e, portanto, desafiadora, buscou-se dar uma ampla visão sob vários aspectos que podem incidir na envelhescência do sujeito. Como embasamento teórico principal, foram utilizados os princípios e fundamentos da Psicanálise.

Na introdução, à guisa de familiarizar o leitor com as terminologias utilizadas pelos movimentos defensores dos direitos de minorias, apresentamos os conceitos da sigla LGBTQIAP+. A fim de abarcar o maior número de informações, sem perdermos a coerência estrutural que queríamos dar ao texto. No sentido de abarcar questões de gênero e envelhecimento e suas interrelações com a Psicanálise, optou-se por dividir o trabalho em três capítulos distintos.

Sendo assim, o primeiro capítulo destinou-se a uma breve introdução sobre as questões de gênero, tendo a homossexualidade feminina como eixo central. Analisamos o feminino como uma construção social, em seguida buscamos mostrar os percalços atravessados pela homossexualidade feminina, a fim de ver-se legitimada, e por fim, abordamos a visão psicanalítica sobre a homossexualidade feminina.

No segundo capítulo, o eixo temático foi o envelhecimento. Inicialmente trouxemos o envelhecimento enquanto uma fase do desenvolvimento humano, em seguida tratamos da

passagem do tempo para a psicanálise e, depois, do envelhecimento do corpo à luz da teoria psicanalítica.

No terceiro e último capítulo, tratamos das mulheres homossexuais e o processo de envelhecimento dessas mulheres. Todo esse percurso foi norteado por quatro objetivos específicos, que foram levados em consideração na hora da apresentação dos resultados e da discussão, a saber: a temporalidade; o corpo; o desejo e a sexualidade e as perspectivas futuras.

Desde o início do trabalho sabíamos do grande desafio que nos aguardava ao tentar, ainda que de maneira preliminar, aproximar as questões LGBTQIAP+ e Envelhecimento, as chamadas Homovelhices.

A partir da análise do discurso das participantes do grupo focal, foi possível perceber como o processo de envelhecimento apresenta diferentes nuances e como estas são percebidas com intensidades diferentes, a depender da situação social e da própria estrutura psíquica do sujeito. (Goldfarb, 1998).

O grupo focal apresentou um recorte muito particular, por se tratar de mulheres LGBTQIAP+, numa determinada faixa etária e com a mesma situação socioeconômica, o que, de certa maneira, nos limitou quanto ao entendimento e a percepção do envelhecimento com relação a outras mulheres LGBTQIAP+, pertencentes a outras condições sociais. O que em nada invalida a fala dos ditos e não-ditos por parte das participantes, ao contrário, emerge como um campo a ser mais e melhor explorado em trabalhos posteriores, a fim de melhor contribuir para consolidação técnico-científica no campo das homovelhices. Para tanto, faz-se mister a quebra de posições conservadoras sobre ambos os temas: velhice e homossexualidade, partindo-se da premissa de que ambas configuram uma construção social (Rebellato et al., 2021).

Pela análise dos discursos das participantes, e por todo o referencial teórico apresentado, podemos concluir que a envelhescência está mais imbricada com o processo de subjetivação do sujeito do que com sua idade cronológica. Ou seja, cada um envelhece à sua própria maneira. Diante disso, melhor seria dizer que estamos diante de homovelhices, no plural, embora o processo de envelhecer seja singular.

Posto isto, para se pensar na clínica psicanalítica com as homovelhices, socorremo-nos, mais uma vez, aos ensinamentos de Mucida (2018), quando afirma que, no manejo da clínica com idosos, devemos nos atentar para o fato de que: “na análise só existe um sujeito, o sujeito do inconsciente, e este não envelhece; tratando-se de realidade psíquica, não existe diferença entre um fato passado e um atual. O sintoma sinaliza a atualidade do passado.” (p.188).

Acreditamos que o estudo das homovelhices se configura como um campo vasto de estudo para a Psicanálise, especialmente para a clínica. Todavia, é preciso que se quebrem barreiras e conceitos arcaicos dentro da própria teoria psicanalítica. E, para além do *setting* terapêutico, o analista deve se atentar para a produção de conhecimento, no que se refere às homovelhices. Ainda, pressupõe uma interface com outros campos do conhecimento, como a gerontologia e a geriatria, por exemplo. Além disso, deve estar em consonância com as necessidades sociais e a cultura local, distanciando-se ao máximo de concepções generalizantes, dominantes e excludentes.

Rebellato et al. (2021) acrescentam: “não basta produzir ciência sem a sua devida difusão; é importante criar modelos, estratégias e processos de tradução do conhecimento – sem distorções – para efetivamente alcançar diversos públicos e converter a teoria em políticas e práticas” (Rebellato et al., 2021, p.17).

Talvez nisso resida nosso grande desafio, tornar a psicanálise mais acessível e sensível às questões sociais que emergem na cultura contemporânea, produzindo

conhecimento dentro e fora da clínica. Neste sentido, onde houver sofrimento psíquico, aí também deve estar a Psicanálise.

### Referências

- Albuquerque, V. T., Silva, K. H. C. V. (2021). *Velho-Ser: um olhar interdisciplinar sobre o envelhecimento humano*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix.  
<https://doi.org/10.36592/9786587424828-01>. Acesso em: 12 mai. 2022.
- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de psicanálise*, 44(80), 193-206. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 out. 2021.
- Andrade, C. D. (1984). *Corpo*. (8. ed). Rio de Janeiro. Editora Record.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Araújo, L. F. & Gomes, H. V. (2021). Homovelhices e psicogerontologia: uma abordagem em relação a sua (in)visibilidade. In F. C. Correia, R. B. Lima & V. C. Silva (Orgs.), *Velho-ser: Um olhar interdisciplinar sobre o envelhecimento humano* (pp. 109-122). ABEC.
- Aschidamini, I. M., & Saupe, R. (2004). Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare Enfermagem*, 9(1).  
<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/1700>. Acesso em: 05 out. 2021.
- Backes, D. S., Colomé, J. S., Erdmann, R. H., & Lunardi, V. L. (2011). Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O mundo da saúde*, 35(4), 438-442.  
<https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/538>

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*: Laurence Bardin. *Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, 70.*
- Beauvoir, S. D. (1991). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. D. (2002). *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berlinck, M.T. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta.
- Birman, J. (2017). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Braga, P. D. (2010). *Filhas de Safo. Uma história da homossexualidade feminina em Portugal*, Alfragide: Texto Editores.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em tese*, 2(1), 68-80.  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 05 out. 2021.
- Butler, J. (2020). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.
- Cassal, L. C. B., Gonzalez, A. M. G., & Bicalho, P. P. G. (2012). Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. *Psico*, 42(4), 465-473.  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8600>. Acesso em: 20 ago. 2021.

- Caregnato, R. C. A. & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem [online]*, 15(4), 679-684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>. Acesso em: 19 out. 2021.
- Carneiro, J.B. (2017). *O sujeito no tempo da velhice*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Colling, L., Arruda, M. S., & Nonato, M. N. (2019). Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos pagu*, (57), 1-34. Campinas/SP. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658138>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- Cordeiro, E. S., Correia, F. C. & Castro, G. J. M. D. (2021). “...Um honroso pacto com a solidão”: Questões (im)pertinentes sobre o envelhecimento. In F. C. Correia, R. B. Lima & V. C. Silva (Orgs.), *Velho-ser: Um olhar interdisciplinar sobre o envelhecimento humano* (pp. 181- 189). ABEC.
- Correia, F. C., Lima, R. B. de., Silva, V. C. da. (2021). *Velho-Ser: um olhar interdisciplinar sobre o envelhecimento humano*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix. <https://doi.org/10.36592/9786587424828-05>.
- Damico, J. (2006). Corpo a corpo com as jovens: grupos focais e análise de discurso na pesquisa em educação física. *Movimento*, 12(2), 35-67. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115315946003>. Acesso em: 03 out. 2021.
- Dunker, C. I.L., Paulon, C.P., & Milan-Ramos, J.G. (2016) *Análise Psicanalítica de Discursos Perspectivas Lacanianas*. São Paulo: Estação das letras e cores. Foucault, M. (2005). *Em defesa da sociedade*, 285- 315. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.

- Estés, C.P. (2007) *A Ciranda das Mulheres Sábias – ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2014) *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- França J. M. E. S., Ferreira R. A. A. & Grangeiro C. R. P. (2018). O discurso e os seus elementos constitutivos em foco. *Macabéa Revista Eletrônica do Netlli*, 7(2).  
<https://doi.org/10.47295/mren.v7i2.1718>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- Freud, S. (1905). *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Obras Completas. v. VII, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919). *O Estranho*. Obras Completas, v. XVII, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920). *A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher*. ESB, v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1940) *Esboço de Psicanálise*. Obras Completas. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2010). *O Mal-estar na Civilização e Outros Textos: 1930-1936*. Obras Completas, 18, São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise: 1930-1936*. Obras Completas, 18, São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). *Recordar, Repetir e Elaborar*. Obras psicológicas completas, 10. São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos: 1920-1923*. Obras psicológicas completas, 15. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2016). *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histérica ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7. São Paulo: Companhia das Letras.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gomes, H.V. & Araújo, L.F. (2021) Homovelhices e Psicogerontologia: uma abordagem em relação a sua (in)visibilidade. Em F.C.Correia, R.B. Lima & V.C. Silva (Orgs). *Velhor-ser: Um olhar interdisciplinar sobre o envelhecimento humano*. (pp. 109-122). Porto Alegre Editora Fundação Fênix.
- Gondim, S. M. G. (2002). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 12(24), 149-161.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>. Acesso em: 05 out. 2021.
- Gui, R. T. (2003). Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. *Revista Psicologia: organizações e trabalho*, 3(1), 135-159.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572003000100007&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 05 out. 2021.
- Haraway, D. (2004). " Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos pagu*, (22), 201-246. <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n22/n22a09.pdf>  
Acesso em: 24 ago. 2021.
- Heilborn, M. L., & Rodrigues, C. (2018). Gênero: breve história de um conceito. *Aprender– Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação, Ano XII*, (20), 9-21.

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/download/4547/3591/7899>

Acesso em: 24 ago. 2021.

- Homem, M., & Calligaris, C. (2019). *Coisa de menina?: Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo*. Campinas: Papirus Editora.
- Inada, J. F. (2011). Felicidade e mal-estar na civilização. *Revista Digital AdVerbum*, 6(1), 74-88.
- Iribarry, I. N. (2003) O que é pesquisa psicanalítica?. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 2003, v. 6, n. 1. 115-138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>.
- Kehl, M.R. (2019). *Deslocamento do feminino*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Lacan, J. (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. *Outros escritos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2003.
- Lago, M. (1973). Entrevista concedida a Simon Khoury e Ney Hamilton. *Rádio Jornal do Brasil Especial JB com Mário Lago*. Rio de Janeiro.  
<https://www.youtube.com/watch?v=35qo6bq58Xo>. Acesso em 03/11/2021.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1991). *Vocabulário de psicanálise*. (11. Ed.) Santos: Martins Fontes.
- Lima, T. G. (2006). *Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual*. (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Marques, L. (2014). Homossexualidade, cultura e representações sociais: Um breve percurso sobre a história de sua (des) patologização. *Poliantea*, 10(18), 227-267.

- Medeiros, M. (1987) Quando chegar. In *Meia-noite e um quarto*. Porto Alegre: L&PM.
- Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & saúde coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 05 out. 2021.
- Moreno, J. (1980). Feminina. In *Joyce – ao vivo – show dos 40 anos de carreira* [CD]. EMI – Odeon (2008).
- Mucida, A. (2018). *O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice*. (2. ed.) Belo Horizonte: Autêntica.
- Nascimento, M. (1975). Paula e Bebeto. In *Minas* [CD]. EMI – Odeon (1995).
- Orlandi, E. P (2020). *Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes.
- Palonsky, C. (1997). *Estruturas Clínicas na Clínica: A Histeria*. Belo Horizonte: PUC-Minas.
- Papalia D.E.& Feldman R.D. (2013) *Desenvolvimento Humano* Porto Alegre: Artmed.
- Pastana, C. P., & Klipan, M. L. (2021). A Homossexualidade feminina na teoria freudiana: correlações com a feminilidade. *Revista Subjetividades*, 21(1), 29-04. <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i1.e10926>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- Piscitelli, A. (2009). Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B., & Szwako, J. E. *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berleendis & Vertecchia.
- Quadros, D.F. M, Jovino I. S. & Muniz K. S. (2020). *Introdução à análise do discurso: perspectivas teórico-práticas*. Curitiba: Intersaberes.

Quinedoz J.M. (2007) *Ler Freud – Guia de leitura da obra de S. Freud* Porto Alegre:

Artmed.

Quintana M. (1962) Recordo ainda. *Armazém de textos*.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/05/poesia-recorda-ainda-mario-quintana-com.html>. Acesso em 02/11/2021.

Rebellato, C., Azevedo, D. L., Miguel, D. F. & Silva R. P.D. (2021). Precisamos falar sobre velhices LGBTI+. In C. Rebellato, M. C. A. Gomes, & Crenitte M. R. F. (Orgs).

*Introdução às Velhices LGBTI+* (pp. 16–23). SBGG-RJ, EternamenteSOU, ILC-BR.

Reis, T. (2018). *Manual de Comunicação LGBTI+*. (2. Ed.) Curitiba: Aliança Nacional

LGBTI /GayLatino. [https://www.grupodignidade.org.br/wp-](https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf)

[content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf](https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf). Acesso em: 24 ago. 2021.

Resende, T.I.M. (1999). *Perlaboração: trabalho do tempo e alteridade em psicanálise*.

(Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília.

Rosa, M.D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. Fortaleza: *Revista mal-estar e subjetividade*.

Rosa, M.D.& Domingues, E. (2010) O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos

sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000100021>

Silva, L.B.C. (2015, set-dez). Do dispositivo da sexualidade ao dispositivo da biotecnologia.

*Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3),291-300.

<https://www.scielo.br/j/fractal/a/Tv5ZsYGH7BHMTNdxDBCHMPj/?lang=pt>. Acesso em 28/08/2021.

Soares, F. M. P (2020). *Envelhescência O Trabalho psíquico na velhice*. Curitiba: Editora e Livraria Appris Ltda.

Soares, S. S. G. S. (2012). *Envelhescência Um Fenômeno da Modernidade à Luz da Psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Trad, L. A. B. (2009). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: revista de saúde coletiva*, 19(3), 777-796. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000300013>. Acesso em: 03 out. 2021.

Teixeira, A. M. O., Marinho, F. X. S., Junior, D. F. C. & Martins, J. C. O. (2015). Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. *Revista Estudo Interdisciplinares Envelhecimento*, 20(2), 503-515.  
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-834551?lang=pt>. Acesso em: 24 mai. 2022.

Zanello, V. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia. In: Zanello, V., & Porto, M. *Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia*. 103-122. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.  
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/24590>. Acesso em: 24 ago. 2021.

## **Anexos**

### **Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**

#### **Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento**

**Instituição do (as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - CEUB**

**Pesquisador(a) responsável: Professora Orientadora - Me. Aurea Chagas Cerqueira**

**Pesquisador(a) assistente: Cinthia Soares de Araújo Gonçalves de Oliveira, aluna do 9º.**

**Semestre do curso de Psicologia.**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade), você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado (a) a assiná-lo e receberá uma cópia dele.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A Pesquisadora deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo específico deste estudo é pesquisar: a) Como se dá a percepção da

temporalidade para as mulheres LGBTQIAP+ e quais são seus marcos definidores?

Quais os significados e as representações de maternidade, família e amizade? E que lugar estas representações sociais ocupam na vida das mulheres homossexuais de meia idade?

b) Qual a relação desse grupo de mulheres com seus corpos em processo de envelhecimento? Como lidam com o fim do período reprodutivo e a chegada dos fios de cabelos brancos, das rugas, do aumento de peso, e da chegada do climatério e da menopausa, em uma sociedade que estimula e valoriza a busca incessante pela juventude? c) Qual o lugar do desejo e da sexualidade nesta fase da vida para as mulheres homossexuais? d) Quais os maiores desafios e o que esperar do futuro?

- Você está sendo convidado (a) a participar por se enquadrar nos critérios considerados relevantes para a pesquisa, quais sejam: pertencer à comunidade de mulheres LGBTQIAP+, entre 40 a 56 anos de idade, residente na cidade de Brasília, ser servidora pública, com estabilidade no emprego, e pertencente à classe média. Sendo estas as condições necessárias à participação, considerando que a pesquisa tem como objetivo geral problematizar, refletir e compreender como se configuram as representações do processo de envelhecimento para este grupo específico de mulheres.

### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em participar de um grupo focal (grupo de discussão). As atividades desse grupo serão gravadas e registradas, em alguns momentos, por meio de algumas fotografias pontuais e/ou recursos de vídeo para melhor avaliação posterior pela pesquisadora.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada num período médio de 1 (uma) hora e 30 (trinta) minutos.

### **Riscos e benefícios**

- Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e

ansiedade em reação a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao tema.

- Medidas preventivas, como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções, serão tomadas durante a atividade, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você ajudará a adquirir maior compreensão sobre as percepções do processo de envelhecimento para mulheres LGBTQIAP+, além de contribuir para maior conhecimento sobre o tema.

#### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto nas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

#### **Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados (como gravação, fotografias e vídeos) ficarão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, CINTHIA SOARES DE ARAÚJO GONÇALVES DE OLIVEIRA, com a garantia de manutenção do sigilo e da confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas

científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição à qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

- Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_,

após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em 02 (duas) vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida ao (à) senhor(a).

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Participante

---

Me. Aurea Chagas Cerqueira  
(61) 9xxxx-xxxx/aurea.cerqueira@ceub.edu.br

---

Cynthia Soares de Araújo Gonçalves de Oliveira  
(61) 9xxxx-xxxx/cynthia.oliveira@sempreceub.com

**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília - CEUB

Endereço: SEPN 707/907 – Campus Universitário - Bloco: Nº: /Complemento:

Bairro: Asa Norte CEP 70790-075 Cidade: Brasília-DF

Telefones p/contato: (61) 3966-1611

## **Anexo 2 - Roteiro de Grupo Focal**

### **Roteiro de Grupo Focal**

a) Temporalidade:

- 1) Como vocês percebem a chegada da meia-idade em suas vidas?
- 2) E em que medida marcos sociais como casamento, nascimento de filhos, formatura dos filhos, chegada de netos, impactam (ou não) na percepção temporal de vocês?

b) Autoimagem corporal:

- 3) Como questões como o fim do período reprodutivo e a chegada do climatério e da menopausa são percebidas e sentidas por vocês?
- 4) Como vocês têm se relacionado com a autoimagem diante dos discursos de uma sociedade calcada em valores estéticos?

c) Desejo e a Sexualidade:

- 5) Qual o lugar do sexo e do desejo na vida de vocês

d) Perspectivas Futuras:

- 6) Quais são as perspectivas e como vocês pensam a rede de apoio de vocês para o futuro?
- 7) Considerando que a situação socioeconômica de vocês difere de uma boa parcela da sociedade brasileira. Em que medida vocês pensam o lugar da homovelhice feminina, em um contexto diferente?

### Anexo 3 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

#### Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento

**Pesquisador:** AUREA CHAGAS CERQUEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 53153321.9.0000.0023

**Instituição Proponente:** UNICEUB

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.148.615

##### **Apresentação do Projeto:**

Para a Apresentação da pesquisa: "Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento", utilizou-se das descrições apresentadas nos itens, Desenho, Resumo e Metodologia nas Informações Básicas do Projeto em questão.

O presente estudo deve "abordar o tema do envelhecimento para um grupo de mulheres LGBTQIAP+, de meia-idade (40 a 56 anos), buscando problematizar, refletir e compreender, à luz da Psicanálise, como se configuram as representações do processo de envelhecimento para este grupo específico". Para tal, será realizado um processo de "interação de um grupo focal, buscaremos analisar e interpretar os significados dos discursos produzidos por este grupo de mulheres. Utilizaremos a Psicanálise como referencial teórico para reflexões sobre temporalidade, identidade corporal, desejo e sexualidade e perspectivas presentes nos discursos dessas mulheres".

A partir destas ações "serão explorados aspectos relacionados à percepção da temporalidade, do corpo, do desejo e perspectivas para o futuro. Optamos pela utilização da metodologia que ressalta a dimensão qualitativa". Desta maneira, as participantes serão selecionadas por conveniência, dentro do contexto de relações pessoais da pesquisadora assistente, e serão convidadas a participarem por meio de convite verbal realizado individualmente. Serão convidadas 06 mulheres LGBTQIAP+, entre 40 e 56 anos de idade, estado civil diversificado, residentes em Brasília, servidoras públicas estáveis e pertencentes à classe média".

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 5.148.615

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

"Pretende-se abordar o tema do envelhecimento para um grupo de mulheres LGBTQIAP+, de meia-idade (40 a 56 anos), buscando problematizar, refletir e compreender, à luz da Psicanálise, como se configuram as representações do processo de envelhecimento para este grupo específico. Durante a realização do trabalho serão explorados aspectos relacionados à percepção da temporalidade, do corpo, do desejo e perspectivas para o futuro".

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: "Este estudo possui riscos baixos que são inerentes à pesquisa, tais como: emoção e ansiedade em reação a possíveis dificuldades diante das perguntas relacionadas ao tema.

Medidas preventivas, como uma conversa preliminar, pausas ou interrupções, serão tomadas durante a atividade, caso haja algum desconforto, para minimizar qualquer risco ou incômodo. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, a participante não precisa realizá-lo". A indicação das medidas protetivas está coerente com os riscos apresentados, bem como na descrição dos Benefícios com ganhos aos participantes e para a comunidade foco deste estudo, portanto vem ao encontro da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, item V - Dos Riscos e Benefícios: "Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Quanto maiores e mais evidentes os riscos, maiores devem ser os cuidados para minimizá-los e a proteção oferecida pelo Sistema CEP/CONEP aos participantes. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. A análise de risco é componente imprescindível à análise ética, dela decorrendo o plano de monitoramento que deve ser oferecido pelo Sistema CEP/CONEP em cada caso específico".

Benefícios: "Com a participação nesta pesquisa a participante ajudará a adquirir maior compreensão sobre as percepções do processo de envelhecimento para mulheres LGBTQIAP+, além de contribuir para maior conhecimento sobre o tema".

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa: "Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento" indicou de uma maneira ética clara e objetiva proposições que trarão novos olhares aos saberes acadêmicos e clínicos. Ressalta-se a descrição dos riscos e as medidas protetivas apresentadas nas Informações básicas do projeto e no TCLE, indicando todos os cuidados descritos na Resolução CNS n. 466/12.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 5.148.615

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos de apresentação obrigatória foram retratados, a Folha de Rosto está devidamente autorizada. Nas Informações Básicas do Projeto estão de acordo o Cronograma de Execução e a Identificação Orçamentária, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE foram tratados de maneira clara, objetiva e ética os itens necessários ao esclarecimento dos participantes deste estudo. Desta maneira, estão de acordo com as diretrizes da Resolução CNS n. 466/12.

**Recomendações:**

Recomenda-se que o pesquisador observe o disposto no art. 28 da Resolução nº 510/16, quando à sua responsabilidade, que é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;

II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;

III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento;

IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; e

V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção.

Observação: Ao final da pesquisa, enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa Mulheres LGBTQIAP+ e suas percepções sobre o processo de envelhecimento poderá ser iniciada, visto que atendeu a todas as diretrizes da Resolução CNS Nº 466/12.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 5.132.096/21, tendo sido homologado na 20ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB do ano em 19 de novembro de 2021.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3966-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE  
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 5.148.615

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1853878.pdf	04/11/2021 19:11:54		Aceito
Outros	LATTES_AureaCerqueira.pdf	04/11/2021 19:10:31	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_concordancia.pdf	04/11/2021 19:09:48	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	04/11/2021 19:08:34	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Outros	Lattes_CynthiaOliveira.pdf	04/11/2021 18:12:59	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	04/11/2021 18:06:29	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Monografia.docx	04/11/2021 18:03:00	AUREA CHAGAS CERQUEIRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASILIA, 06 de Dezembro de 2021

\_\_\_\_\_  
**Assinado por:**  
**Marília de Queiroz Dias Jacome**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar

**Bairro:** Setor Universitário

**CEP:** 70.790-075

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3966-1511

**E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br